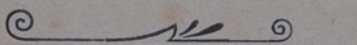


As meu querido amigo,

Fernando Pessoa

Com particular atenção

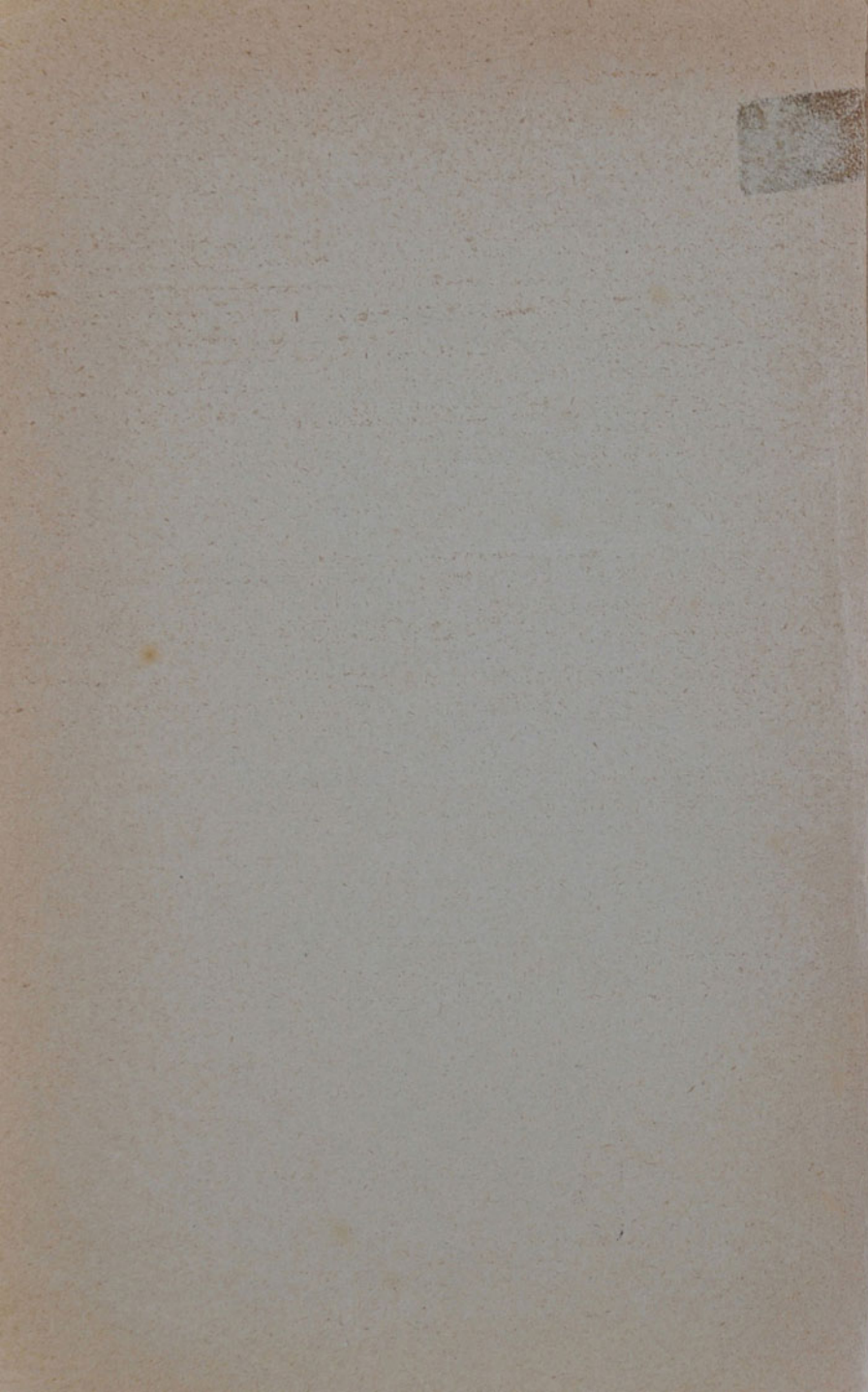
O seu amigo

 Affonso


Quinto mandamento

Lisboa, - v - III - 1911





AFFONSO GAYO



QUINTO MANDAMENTO

Peça original em 4 actos

(COM UM PREFACIO DO AUCTOR)

*Representada pela primeira vez em 15 de julho de 1905 no Theatro
do Príncipe Real*



1905

CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
38, R. C. da Gloria, 49
LISBOA

OBRAS DE AFFONSO GAYO

PUBLICADAS

- Corôa de espinhos* (1896) — exgotada.
Lobinho philologico (1897).
Nós, — poema lyrico — (1900).
Heroes modernos, — allegoria social — (1901).
Quinto mandamento, peça original em 4 actos — (1905)

INEDITAS

- O desconhecido*, peça original em 3 actos, vertida para italiano
pelo sr. D. Guido Rota — (1901)
O interesse, peça original em 1 acto, em verso — (1903)
Os malavindos, — contos — (1903-1904).
Bohemia, — romance — (1904-1905).

EM PREPARAÇÃO

- Maxima*, peça original, em 4 actos.
A culpa, peça original, em 5 actos.

Prefacio

Meus caros: Amadeu de Freitas e Araujo Pereira

Passados quasi dois annos sobre a minha questão com a gerencia do theatro D. Maria, é que dou a lume o *Quinto mandamento*, porque só agora, pela circumstancia delle ir á scena, se me offerece o ensejo de escrever este prefacio que ha de servir — estou certo disso — de lição proficua aos incipientes dramaturgos com tanto de brio como de talento.

Não deixa de ser curiosa a historia...

Em novembro de 1902 entreguei a peça ao gerente daquelle theatro, a quem, nessa epoca, tratava com bastante cordealidade (e foi esse o meu mal) pedindo-lhe me dissésse se estava ou não em condições de se mostrar ao publico.

Concertadas várias rasões, que, nesse momento,

expandi naturalmente ácerca da tendencia filosófica do theatro moderno, despedi-me, convencido de que elle teria em consideração o modo lisongeiro de me conduzir, não usando da faculdade que o regulamento me concedia, fazendo transitar a peça pelos tramites legais.

Puro engano! Essa prova de deferencia não serve para mal intencionados, que os ha de sobra por esse mundo de Christo!

Ao cabo de tres semanas recebi uns apontamentos, sugerindo-me certas alterações de character especial, com algumas das quaes, por via do decreto, era força concordar. Outras, porém, absurdas, insurgiram-me o animo, porque dellas se deprehendia não só a mesquinha e tacaña aspiração daquelle sinhedrio artistico na pessoa do seu representante, mas, tambem, a inconsequencia e menospreço para com o trabalho de um novo que apresentava a tentativa de alliar o theatro de idéas ao de situações. Assim, o *Quinto mandamento*, como peça de transição, deveria tornar-se credora das sympathias de um actor do meu tempo.

Mas qual? A summidade encarregada de presidir ás preoccupações estheticas do Normal, apesar de enfatuada com umas besuntadelas de franchez de exportação, só conhecia o theatro de Dumas filho, e por mais refocilado critico — o tio Sarcey.

Não leu o que se tem escripto de então para cá, ou não o assimilou (as faculdades mentaes do

senhor gerente ⁽¹⁾ são mediocres...) de modo que tudo quanto venha impregnado de originalidade, de imprevisto, não cheirando a Dumas, é contraproducente.

Longa foi a discussão trazida á baila, quando, por incidencia, cahimos na personagem (Custodia) do *Quinto mandamento*, a qual eu vincára de maldade para, de proposito, acentuar bem um tipo de naturalismo oposto a (Alexandre), que é outra figura cinica da peça, mas talhada de um modo diverso.

E, como se fosse irritando a parlenda, que ençetáramos, eu conclui:

— Comprehendo e concordo que a peça precise de soffrer alterações p'ra môr do decreto, mas ainda que tal factó se não dêsse, tencionava eu fazel-as, refundindo-a. Sómente agora desejaria a minha inscripção no registo dos originaes acceitos para tomar altura e, depois, emquanto esperasse vez (o que demora dois ou tres mezes) ir corrigindo, sem freimas, o original. Quero dizer, se a peça vale pela dinamica e é acceitavel nas demonstrações psicologicas, aprovem-m'a, que eu me comprometterei a cortar-lhe o que brigar com o decreto. Isto não arrepia o espirito da lei, que

(1) O nome do senhor gerente não será empregado em obra minha. Consideral-a-hia manchada. Todavia, pela epoca, é facil saber de quem se trata!

prevê o caso, e eu ficarei descansado e com a certeza de que ella será representada.

Tal era o favor que eu julgara merecer ao senhor gerente.

Esta era a minha intenção clara e expressa, mas, a delle, a de me illudir sem necessidade, como é da praxe nas combinações entre auctores novos e empresarios tartufos. Porisso elle volveu:

— Não me parece que o tempo sobre para tanto. Além disso, eu não poderei acceital-a antes de feitas as alterações indicadas.

Comprehendendo-lhe a intenção tornei, obrigando-o a uma resposta mais definida:

— Mas a peça, como está, salvo, é claro, alguma frase ambigua ou mais insinuante, não poderá ser acceita?

— Como dialogos, é uma das melhores que tenho lido de entre uma alluvião dellas. Pena é que na technica...

E começou a expraiar-se em bastas considerações.

A' medida que elle perorava, eu fazia esforços para conter uns frouxos de riso, attentando-lhe nos gestos parabolicos de *coquelin-junior*, e, se não fôra a natural commiseração que sempre me mereceram os tolos, ter-lhe-hia retorquido: «Deve ser isso; a sua palavra é de mestre e eu não passo de um humilde discípulo!... Para que negal-o? Os profundos conhecimentos, o longo tirocinio, como actor, criticas e trabalhos ácerca de coisas de theatro, em

summa, o nome consagrado — tudo isso lhe dá direito para falar de poleiro. A minha peça não levou tempo a efabular, o estudo dos caracteres, a critica, movimento e logica não valem sequer uma senha de entrada no *Walhalla* do Rocio, onde o senhor gerente penetrou como heroe de primeira classe»!...

Arrependo-me hoje de não lhe haver dito isto ou mais ainda! Mas, nessa occasião, seguindo os impulsos da sinceridade, exaltei-me em vez de levar as coisas de mofa.

E separámo-nos um tanto malavindos.

Quando eu sahi do escriptorio do theatro, segundo me contaram, o senhor gerente exclamou furioso: «E' a tal coisa! Que orgulho! Não se pôde discutir com elle»!

Sucedeu que ao cabo de um anno, isto é, em dezembro de 1903, voltei a D. Maria com o *Quinto mandamento*. Eu tivéra o cuidado de o burilar escrupulosamente, afim de que fugisse e escapasse das malhas do decreto.

O senhor gerente, que havia sido reeleito no cargo, se não fizera creação alguma, nem fôra classificado *actor de merito transcendente*, recebeu-me cavalgando a besta da vaidade, como um hospedeiro do Parnaso, habituado a tratar Apollo por tu. Eu estremeci num grande abalo nervoso, sentindo-me um gnomo deante de tanta grandesa, e dissé com

os meus botões: «Que ha de ser de mim! Que lóa hei de eu proferir, que hossana entoar, afim de que este deus substituto... não me trate com desdem? Ainda assim, aventurei-me a dizer:

—Cuido que o original não tem agora por onde lhe pegue... o decreto.

E depois, num sorriso ironico, tomando animo, acrescentei:

—Todavia, eu bem sei que uma peça está sempre ameaçada com a espada de Damocles, desde que um gerente menos amavel... e solicito queira: uma frase pudica, mas mal interpretada, fará cocegas na Moral innocentinha, ou um dito de espirito commummente satirico, poderá faltar ao respeito da carta constitucional...

E, porque o meu interlocutor franzisse a grande testa granitica, tornei:

—Não foi isto que aconteceu com um camarada? Fizeram-lhe *cortar* a palavra *estalagem* e substituiu-a por *poisio* ⁽¹⁾. Assim, não haverá termo invulneravel... pois que o senhor gerente e o maioral, com o decreto nas unhas, podem, á vontade, recusar a entrada pela porta principal do theatro áquelles que não se agacharem por terem a cabeça bem assente nos hombros!

(1) Refiro-me a Jorge Santos, auctor do *Crime d'amor*, o qual me contou *esta e outras bellezas asininhas do senhor Pimentel*. O italico é meu.

Mas que fui eu dizer!?

Com semelhante atrevimento... fiquei desde logo condemnado. E por causa dos *meus orgulhos* era impossivel entender-me já com o senhor gerente a sangue frio. Foi nesta occasião que elle chamou o Amadeu de Freitas para servir de intermedio, dizendo-lhe: «*Leia a peça e, se em sua consciencia, a julgar representavel, encontrar-me-ha nas melhores disposições para com o auctor!*»

Para quem sabe ler nas entrelinhas, esta declaração é formosissima! Elle contava que o Amadeu de Freitas fosse um amigo de Peniche, fugindo á responsabilidade de pugnar pela peça desde que, em *seu entendimento e consciencia*, a julgasse honesta e escripta com merito para subir á scena.

O orgulho, que é difficil de possuir, e mais difficil de manter, é só proprio de homens intelligentes e superiores. Não o podem sentir as creaturas mesquinhas, odientas e vaidosas, porque a vaidade é o mau halito do orgulho.

Ora, o Amadeu de Freitas é uma clara intelligencia que se orgulha de ter character e, lendo a peça com todo o cuidado, declarou-me: «Encontrei uma ou outra frase que poderá substituir-se sem gravame para o desdobramento da acção do *Quinto mandamento*, que deste modo fugirá ao decreto, não dando pretexto para recusa.

Aceitando eu, de bom grado, os conselhos de Amadeu de Freitas, levei a peça para casa e, durante mez e meio de arduo trabalho, havia reco-

piado, mais uma vez, o *Quinto mandamento*. O meu amavel intermediario voltou a D. Maria para falar ao senhor gerente.

Trocaram-se depois varias cartas entre elle e o Amadeu de Freitas, numa das quaes se póde colher este sentido: ⁽¹⁾-- «A peça foi modificada para melhor»!

Implicitamente se depreheende em face de tudo isto que o senhor gerente estava um tanto embaraçado, porque se compromettera não só comigo, mas tambem com Amadeu de Freitas.

Mas vendo-se elle apertado entre Scyla e Charybde, resolveu ir protelando a resposta, visto como a peça não seguira as vias legaes, não estava porisso favorecida pelos quinze dias de oratorio (é este o praso da lei) e, assim, de desculpa em desculpa, chegar-se-hia ao fim da epoca sem nada resolvido!

Estavamos em março de 1904.

Para acabar com a situação, que se tornava irritante, entreguei oficialmente a peça.

Durante os quinze dias, que se seguiram á entrega do original, *O Diario*, onde Amadeu de Freitas era redactor, inseriu vários artigos, exprimindo a necessidade de se fazer justiça ao meu trabalho, porque a peça era digna de ser julgada pelo publico que, afinal, é o supremo juiz.

(1) Estas cartas pertencem a Amadeu de Freitas.

Produziram, como era natural, certa impressão os artigos do *Diario*, e eu não posso deixar em silencio esta divida de gratidão e reconhecimento.

Na véspera da recusa official (de antemão preparada, em vista das atoardas que me chegaram aos ouvidos) fui chamado ao *foyer* do theatro com o pretexto de que o senhor Pimentel, commissario do governo, desejava entender-se comigo. Era a ultima scena da comedia que o senhor gerente cuidára representar, na suposição de que eu tivésse os olhos fechados.

Procurar-me veio o actor Carlos Santos, que, nessa noite, me encontrou tomando café. Obsequiosamente o acompanhei depois de algumas palavras de saudação alheias, é claro, ao assumpto, e, entrando no theatro pela porta do palco... defrontava momentos depois o senhor Pimentel, sentado num sofá, tendo á esquerda o gerente.

Logo attentando nos dois, comprehendi tudo: queriam demover-me, com palavrinhas doces, a retirar a peça, allegando que ficavam *meus amigos e promptos a dispensar-me a protecção?*...

Mas, após um exordio sorna, em que o senhor Pimentel me enchia de elogios fastientos, volvi:

— Escusa v. ex.^a de ter comigo qualquer explicação prévia, que não agradeço. Deprehende-se, pela logica dos factos, que a peça *está condemnada* pelo senhor gerente, a cuja sentença v. ex.^a se associa, confirmando-a!

Nesta altura, o senhor gerente, vendo o caso

mal parado, levantou-se de nariz torcido, e o meu interlocutor disse:

—Mas, porque não retira a sua peça? *Prometemos-lhe que na proxima epoca será representado qualquer outro trabalho seu...*

Eu interrompi sorrindo:

—Conheço essa historia, senhor Pimentel! Conheço-a! Já sei que v. ex.^a vae dizer-me: «Apesar de toda a nossa boa vontade, não poderemos levar a sua peça, porque... Tem talento, é verdade, mas... tenha paciencia... O decreto...» Não é isto, senhor Pimentel?

Como unica resposta elle mascou em secco alguns monossillabos de desculpa, pelo que eu julgando-o, de facto, magoado, lhe fitei os olhos, supondo encontrar-lhe lagrimas... mas, ó desillusão! o que elles tinham era remella!...

Houve um pequeno silencio em que cada um de nós ficára, decerto, a pensar do outro as coisas mais bisarras, até que o sr. Pimentel, cobrando animo, tornou:

—Nesse caso... se é *pela logica dos factos...*

E não acabou a frase que elle julgou muito intencional, mas que apenas me fez sorrir exclamando:

—Não tenho precisão de escrever outra peça! Contento-me em saber amanhã a resposta... official do *Quinto mandamento*.

*

* *

Alguns dias depois confirmava-se a exclusão da peça. O senhor Pimentel, em seguida á informação do gerente, condemnára-a para nunca mais poder ser representada em D. Maria.

A situação de *regeitado* é tão grave... que não se póde, em face da lei, apelar da sentença. Ora, depois deste scenario de comedia, a consciencia do senhor Pimentel sempre me pareceu inferior a 33\$333 réis mensaes.

Mas como provar o contrario, se o publico não conhecia o *Quinto mándamento*?

Ainda que fosse publicado, não deixaria, na leitura, a visualidade scenica, que uma peça lida nada é ou pouco vale, comparando-a com a interpretação integral, o seu complemento.

Eu não deveria, comtudo, extranhar o meu caso. O mesmo acontecera a tantos: a Marcellino Mesquita, por exemplo!

Porisso me conformei e esperei, resolvido a não chamar coisas feias e pavorosas ao senhor Pimentel, porque o insulto não só me repugnava mas, tambem, não excederia áquelles que constantemente lhe atiravam os jornaes pelas muitas sandices praticadas no exercicio do seu cargo. Reptal-o para me dizer, em publico, os fundamentos da senten-

ça, não era possível, que a tal comettimento se opõe o decreto.

Como homem de letras, o senhor Pimentel procedera comigo tão torpe e indignamente, sujeitando-se às imposições do seu subordinado, que, em verdade, não me deveria sentir offendido! Além disso, velho e senil, se o atacasse, iria decerto perturbar-lhe mais a bilis do figado que s. ex.^a nem sequer com os proventos do seu lindo cargo... poderá sujeitar a um tratamento thermico.

Pertence o senhor Pimentel a um certo nucleo de creaturas *falhadas* que lambuçam com o pus da inveja o trabalho honesto e digno dos outros que, apesar de tudo, vão para deante, porque teem valor. E' o nucleo dos *verdes*, dos mastins, de lingua sempre envenenada para tudo e para todos, que nunca disseram bem de ninguem — nem de si proprios!

Tambem me ficaria por aqui com relação ao senhor gerente, se não fôra mister contar aos que me lerem, a especie de *matoide* que foram pôr de guarda á porta do Parnaso do Rocio.

Ao contrario da enfermiza e limfática compleição do senhor Pimentel, não se deve ter escrupulos de lhe fazer caricias dextras, olhando-lhe para os lombos suinos que estão a pedir chinguiço ou massagens de sôco.

Durante e depois da questão da peça, era rara

a pessoa que não me perguntava:—Mas quem é esse *senhor gerente*? De onde surdiu esse *Claretie* do becco das Atafonas?

Quando menino, o senhor gerente parece que avesou caracolinhos loiros e bochechas penugentas de pecego sem caroço... olhos escuros e carnes sugestivamente tenras e apetitosas. Depois, apesar da tendencia androgina, a linha efeba modificou-se, bem que o feitio das ancas continuasse a manifestar que o sexo como que esteve por algum tempo... hesitante!

Agora está o que se pôde chamar em linguagem correntia — *um coirão*.

E' de presumir que, se ainda tiver affectos... que o lancem, de quando em quando, na aventura occulta e perturbadora, haja tentado occultal-os por uns resquicios de pudor!

Ao contrario, seria grotescamente indigesto até para os amadores do genero e de bocca menos biqueira.

Com effeito, vê-lo em ceroulas curtas, de quadradinhos côr de rosa e fitinhas (adquiridas, por certo, nalguma *passage* de Montmartre nas suas idas a Paris), a voz de pagem de peça historica, mas em falsete, todo acurvado, em angulo, á napolitana por causa da cabeça languidamente encostada á parede; e, pelas oscillações, presto a

cahir-lhe o chinó num *bidé*, seria um espectáculo digno de animatografo só para homens!

Antigamente sim... na escola era risonho, franco e acessivel... Hoje não é tanto assim!

Que diria a critica?

Dantes fazia scenas mais recatadas para principiar... Actualmente os papeis modernos não admittem *travestis* e o homem tem que ser homem... por força!

Porisso é vel-o agora: Um homemsinho gordo, carnes flacidas, cara abolachada, nariz suprimido e grande calva coberta por cabello de contrabando. Emfim, o rotundo arcaboço de sachrista susceptivel de tornar-se apreciado pelos padres novos ..

Outras pessoas, não acreditando nestes exageros dos chronistas, que dizem d'elle tanta proeza... perguntam admirados: «Como se tornou gigante este homem? Porque é tão fero e tão gerente?»

E aqui fica toda a gente de bocca aberta sem poder dar uma explicação!

Será aquelle senhor de caldeira e pendão heroico e fronteiro que nos descreve Herculano?

Não é.

O senhor gerente é um Delobelle accumulando a psychica de Ligurino; mas não amou a Virgilio por não saber latim...

Preferiu os francezes... tinham outro paladar... e era uma questão de gosto—porque os gostos não se discutem!

E foi esta dualidade que lhe assoprou as car-

nes (se não foi tambem o abuso das injeccões de Brown Sequard com a seringa especial... que elle, recommendava) tornando-o assim gordito, pimpão e chibante!

Parece aquelle meco de quem Fialho d'Almeida disse: — «Reparem, reparem, leva na cabeça uma só idéasita, como um grão, e 'de vez em quando, sacode-se e bamboleia-se para a sentir»...

Antes, porém, de chegar a *celebré* eutendeu que uma das coisas, que sobre elle chamaria as attentões, era o barulho das botas e começou a usal-as com rangideiras.

Comtudo, ao redor lhe passava a turba indifferente, pelo que elle se mordía de inveja e se arpelava.

Em vão, todas as tardes passeava debaixo do alpendre do theatro, ou de olhos em alvo, fitando o Pedro, dizia comsigo: — «A mais alto hei de subir, que para mór destino me fadaram!» Mas quando proferia isto que, nesse momento, sentia no bretudo, fazia por esquecer a pagina do livro onde decorára a frase.

Assim, raro era o dia, em que voltando a casa sorumbatico e triste, não se lamentava em lingua franceza, vendo-se nu ao espelho: *Quel dommage que personne n'en profite!*

Effectivamente, ninguem na rua attentava nelle; apenas um ou outro voltava o nariz e procurava saber de quem eram uns pés mal feitos de onde tanto barulho sahia!

Então, apelou para andar esticado, vertical, sempre muito direito, ridiculamente direito!

E que fazer, se não poderia tornar-se um genio com aquelle feitio e intellecto no meio de uma sociedade egoista e despreoccupada?

Havia apenas um caminho: Esconder-se num: quinto andar, occultando as mãos ordinárias e os pés de boi e surgir depois, quando transformado em actor. Deante de um espelho consumir dias e dias a attribular a cara de abobora com momices, ora ternas, como se habituára a fazer no collegio de onde o expulsaram por immoral, ora terriveis, como os tirannos das peças, afim de adquirir catarata capaz de arcar com as responsabilidades de gerente!...

Pelas diversas mãos por onde passou e de empresarios que o tiveram por conta — o moço da vida tirou certos proveitos, alguma fama e toda a manha e astucias compativeis com o genero de trabalho a que se consagrou com deleite!

Quando, finalmente, de focinho escarafunçado de alvaiade e *baton*, appareceu em liberdade, deante do publico, poderia dizer-se-lhe: «Traga-me um copo d'agua! Leve esta carta á senhora Marquez!»

Um dia — não se sabe como — fizeram-n'o gerente!

Mas, neste cargo, não passou de um cão de fila á porta da quinta para, de coleira de bicos, latir

aos auctores novos que se aproximassem, timidos!...

Tal foi o mester do senhor gerente: Servir de cerbéro á porta do Normal, para ladrar de furia, ou uivar de prazer, consoante os outros societarios lhe coçassem o rabo aspera ou docemente...

Não admira que eu fosse mordido.

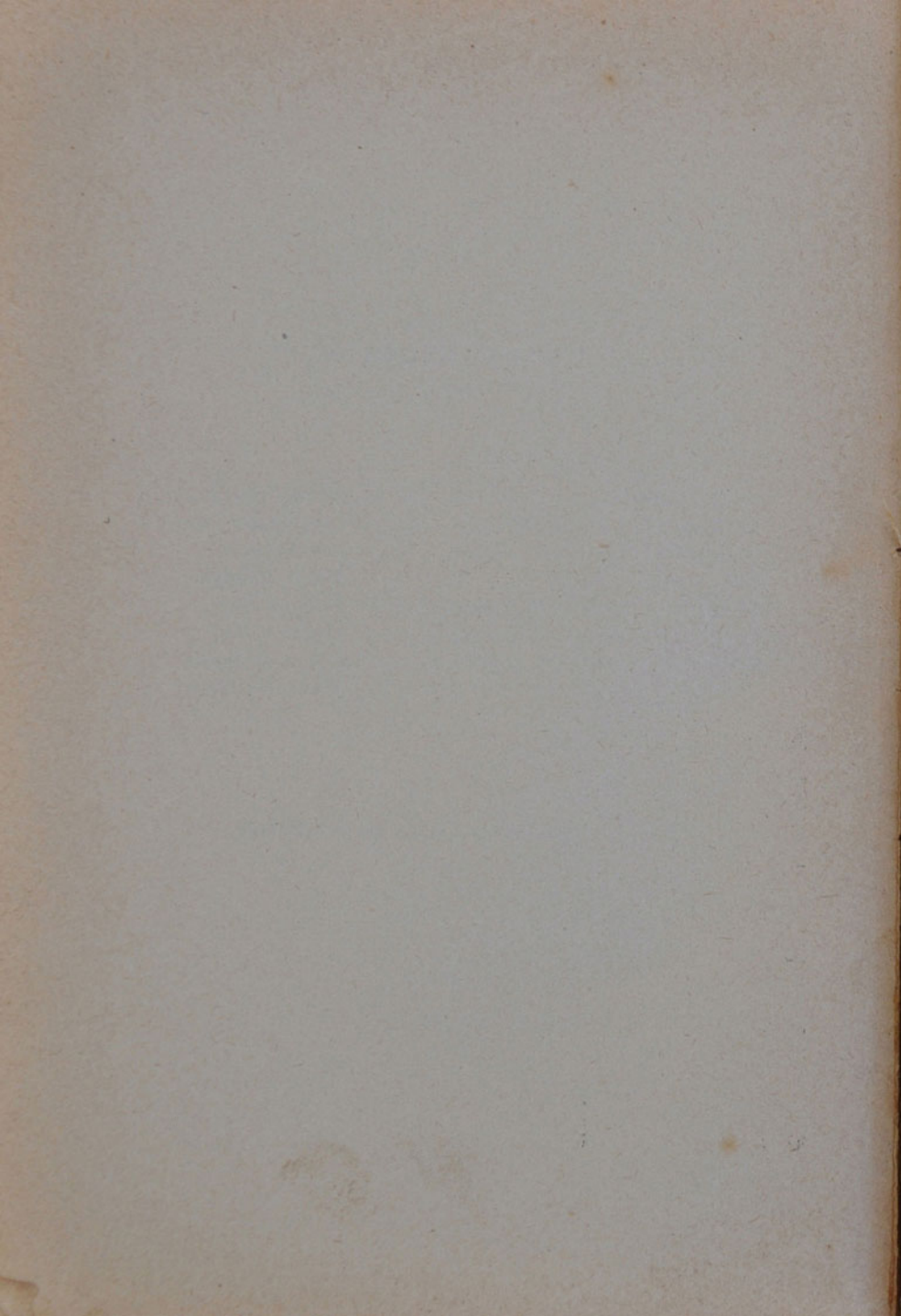
Julho de 1905.

Affonso Gayer.

Personagens

| | |
|------------------------------------|--|
| ANGELO, medico | sr. <i>Antonio Sacramento</i> |
| ALEXANDRE, proprietario | » <i>Luciano de Castro</i> |
| GUILHERME, borocrata | » <i>José Monteiro</i> |
| JOSÉ, creado | » <i>Arthur Rodrigues</i> |
| ERMELINDA, mulher de Angelo . . . | sr. ^a <i>Palmira Torres</i> |
| HELENA, professora | » <i>Virginia Nery</i> |
| CLARISSE, afilhada de Angelo . . . | » <i>Izaura de Souza</i> |
| CUSTODIA, creada | » <i>Maria das Dores</i> |

A acção passa-se em Lisboa, na actualidade



Acto primeiro

Sala ampla. A' esquerda fundo, uma porta que, ao abrir e fechar-se, deixa ver um gabinete, servindo de consultorio. Aos lados, duas com reposteiros. Entre uma e outra, um piano collocado em diagonal. A' direita fundo, porta descobrindo um corredor e dos lados duas igualmente com reposteiros. Nas paredes, quadros de anatomia, excepto ao fando, na qual se vê um retrato de homem, a oleo. Entre as varias peças de mobilia devem figurar: uma estante de carvalho cheia de livros, um contador, uma esfera armilar, um esqueleto tapado com um panno verde, de que se veem os pés, etc. E' dia.

SCENA I

ERMELINDA e CUSTODIA

ERMELINDA (*entrando de chapéo na cabeça, calçando as luvas*)

O senhor saiu?

CUSTODIA

Ha um nadinha.

ERMELINDA

Não disse para onde?

CUSTODIA

Chamaram-n'o para um doente em perigo.

ERMELINDA

E o José? *(faz menção de se retirar)*

CUSTODIA

Foi pelo senhor Guilherme. Cuidei até que ia do mandado da senhora...

ERMELINDA

Quando o José voltar, vae arrumar com elle as malas de meu tio que deseja tudo em ordem. Parece-me que ellas chegaram agora da estação.

CUSTODIA *(com intenção)*

Vae sósinha, minha senhora?

ERMELINDA

Levo a menina. *(depois dalguns passos para o fundo, volta-se)* Se vier a professora, que espere. *(vae para retirar-se)*.

CUSTODIA *(tentando deter Ermelinda)*

Se não levasse tanta pressa!

ERMELINDA *(vollando-se)*

Que queres?

CUSTODIA (*maliciosamente*)

Era com relação á professora... (*amachuca o avental com as pontas dos dedos*).

ERMELINDA (*aborrecida*)

Não te perguntei quantos annos tinhas...

CUSTODIA

Está bem, minha senhora... (*com intenção*) Não foi por ser intromettida, pensei...

ERMELINDA (*atalhando*)

Não te mettas onde não és chamada... (*dirige-se para a esquerda fundo*)

CUSTODIA (*tentando deter Ermelinda*)

Mas, minha senhora...

ERMELINDA (*impaciente*)

O' mulher, não me moas a paciência...

CUSTODIA

Já tenho a casa desembaraçada; entregam-me a chave amanhã...

ERMELINDA (*atalhando com impaciencia*)

Vae-te embora, mas deixa-me.

CUSTODIA (*com intenção*)

Por mais um dia ou dois não me faz desarranjo!...

ERMELINDA (*gritando para dentro*)

O' Clarisse! O' Clarisse!

CUSTODIA (*com intenção*)

E aquillo que me prometteu?

ERMELINDA

Nesta occasião, não sei...

SCENA II

AS MESMAS e CLARISSE

CLARISSE (*aparecendo ao fundo*)

Madrinha!

ERMELINDA (*a Clarisse*)

Anda depressa. (*sáem Clarisse e Ermelinda pela esquerda fundo*)

SCENA III

CUSTODIA e HELENA

(Custodia segue Ermelinda pela esquerda, deixando a scena. Entra, nesse comenos, Helena pela direita e Custodia repara nella)

CUSTODIA

Como passou?

HELENA

Bem, muito obrigada. A menina Clarisse?

CUSTODIA

Sahiu agora com a minha ama.

HELENA *(com desalento)*

Paciencia...

CUSTODIA *(com intenção)*

Quando ella leva a afilhada, a demora não é grande! Se ella tivesse ido sósinha...

HELENA

Não é a hora da consulta?

CUSTODIA

E'. Mas o doutor teve que ir a um doente nas ultimas e o consultorio despejou-se.

HELENA

Não sei como elle pode com tanto trabalho!...

CUSTODIA

E' de mais, menina! Tem sempre a casa cheia! Ainda se fosse de ricos!

HELENA

Não diga isso... Que seria dos pobres, se não tivessem um medico caridoso e bom! Porisso elle é tão estimado.

CUSTODIA

Ninguem dá um passo, neste mundo, sem ir á cata do seu interesse... Medico que nada leva pelo seu trabalho, não admira ser muito procurado...

HELENA

E até paga do seu bolso os remedios, quando os doentes não podem compral-os...

CUSTODIA

Nó que faz uma grande tolice. Havia de ser comigo!

HELENA

Não é tanto assim! Devemos sempre auxiliar os outros no que estiver ao nosso alcance.

CUSTODIA

Se a menina servisse esses outros... como eu, não falaria assim.

HELENA

Então, porquê?

CUSTODIA

Os patrões são sempre patrões... Elles espevitados em mandar e os servos pouco lesto em obedecer... (*com intenção*) Olhe, a minha senhora parece uma sonsa, mas, se não fôra ella, com o marido me dava eu bem—que é umas mãos largas. Para apanhar alguma cousa da mulher tenho que valer-me de habilidades; não ha outro remedio. Estou farta de aturar e quero ter uma casa...

HELENA

Vae sahir de cá?

CUSTODIA (*com intenção*)

A'manhã ou depois... depende.

HELENA

E para onde?

CUSTODIA

Não volto mais a servir. Tenho umas economias... Ha trinta annos que não penso noutra coisa...

HELENA

Quem é pobre!...

CUSTODIA (*com intenção*)

Nunca deixei de aproveitar as circunstancias. Não ha coisa melhor para uma creada que conhecer o coração das amas... (*transição*) E eu aqui a dar á lingua com tanto que fazer! A menina, emquanto espera, poderá lêr algum livro da estante.

HELENA

Pois sim.

CUSTODIA

Para esta sala não costuma vir ninguem, só se fôr o tio da senhora.

HELENA

Bom seria que elle não se lembrasse de apparecer...

CUSTODIA

Ah! é muito boa pessoa. Não imagina. E então que fortuna elle tem! Trouxe do estrangeiro uma riqueza em moveis. Era uma infinidade de caixotes a despacho!

HELENA

Bem sei, é um amator de objectos antigos.

CUSTODIA

E' isso é! (*olhando para o fundo e vendo Guilherme*) Ah! o senhor Guilherme.

HELENA

Um amigo do doutor.

CUSTODIA (*com intenção*)

A patroa tambem o não vê com maus olhos...

(sáe)

SCENA IV

HELENA e GUILHERME, depois CUSTODIA

GUILHERME (*entrando pela esquerda fundo*)

Dás hoje lição aqui?

HELENA

Mandaram-me esperar.

GUILHERME

Ah!... (*vae para retirar-se*)HELENA (*detendo Guilherme*)

Então, Guilherme! Vaes-te embora sem me dares uma palavra!...

GUILHERME (*contrariado*)

Que queres que te diga?

HELENA (*tristemente*)

Como tu és injusto comigo! Ha dois dias que não appareces, nem escreves e agora retiravas-te, se eu não te chamasse!... Chega a parecer impossível!...

GUILHERME (*impertinente*)

Mas, se me encontras tão mau, porque não me deixas em paz?

HELENA

E' que nós as mulheres temos esta qualidade,—dedicamos-nos, e o nosso idolo nunca tem pés de barro!...

GUILHERME

Não passas de uma romantica!...

HELENA

Sinto como sei e como posso.

GUILHERME

Porisso, deves deixar aos outros a liberdade de sentirem... como entendem e querem!

HELENA (*com meiguice*)

Mas anda cá, escuta: Eu bem sei que tu não podes amar-me, como eu idealizei, porque nada sou e nada valho. Comtudo, poderias ser para comigo menos cruel.

GUILHERME (*impaciente*)

Piéguices!...

HELENA (*com tristeza*)

Quantas vezes chamaste a estes extremos uma das grandes virtudes da mulher!...

GUILHERME

Mas não se trata agora d'isso.

HELENA

Então?

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Ainda que o teu amor fosse um ideal, não me satisfaria por demasiado; como a luz do sol a que, por intensa, só os olhos das aguias se habituam.

HELENA (*no mesmo tom*)

Porque me ensinaste a sentir deste modo? Aos meus olhos abriste uma vida nova que eu ignorava e, assim, se viesse a cahir num abismo, poderia namorar estrellas!

GUILHERME

Tudo isso é muito bonito, mas...

HELENA (*atalhando vivamente*)

Quando nos encontrámos pela primeira vez, não te comoveu a minha historia? (*Custodia espreira ao fundo sem ser vista*).

GUILHERME

O teu romance era o romance banal de todas as mulheres...

HELENA

Mas disséste-me o contrario.

GUILHERME

A gente diz muita tolice, quando namora uma mulher!

HELENA (*continuando como enlevada*)

Eu chegára da provincia, cheia de fé, para a lucta que desconhecia. Inexperiente e só, teria succumbido, se não fôra o teu amparo. Lembras-te do que, então, me disséste?

GUILHERME (*aborrecido*)

Sim, sim, mas não vale a pena.

HELENA

Eu não posso esquecer as tuas palavras: — «E' realmente excepcional a sua energia; confesso que a admiro, vendo-a tão nova e cheia de esperança, revestindo-se de coragem para atravessar este pantano — que se chama a vida! Considerar-me-hei feliz, se nalguma coisa puder contribuir para a fazer ditosa!» (*transição*) Quando, ao cabo, nos despedimos, senti que te pertencia para sempre!

GUILHERME (*com enfado*)

Deixemos essas coisas...

HELENA (*continuando*)

E cumpreste a tua palavra. Algumas lições, como a desta casa, a ti as devo.

GUILHERME (*atalhando*)

Bem arrependido estou... (*reprimindo-se do que ia para dizer*)

HELENA

Estás arrependido de me indicar esta casa ?

GUILHERME (*perturbando-se*)

Não... é que...

HELENA (*atalhando*)

Cuidei... (*transição*) Depois, o trato com o mundo, os conselhos da tua experiência fizeram que eu fosse, a pouco e pouco, modificando a minha natureza tímida! Que poderia offerecer-te em troca? O que uma mulher póde dar a um homem — tudo e nada!

GUILHERME

Mas agora que mais posso fazer?...

HELENA (*como que offendida*)

Que te peço, Guilherme?

GUILHERME

Bem sei, mas eu preciso da minha liberdade e tu és nova e bonita!...

HELENA (*no mesmo tom*)

Que queres tu dizer com isso?!

GUILHERME

Que trates de ti. *(faz menção de se retirar)*

HELENA *(detendo Guilherme)*

Ouve, Guilherme: Não me digas coisas dessas, peço-te; creio que te mereço outra consideração. Eu trabalharei quanto em minhas forças caiba. Em troca sê meu amigo. Tu bem sabes que te quero muito.

GUILHERME

Já te disse o que tinha que dizer. Cada um trata de si. *(dirige-se para a esquerda fundo)*

SCENA V

AS MESMAS e CUSTODIA

CUSTODIA *(entrando, a Guilherme)*

Senhor Guilherme!

GUILHERME *(voltando-se)*

Que é?

CUSTODIA

Vae-se já embora? Não recebeu um recado?

GUILHERME

Recebi. Eu voltarei. *(sae)*

SCENA VI

HELENA e ALEXANDRE

ALEXANDRE (*entrando e baixo a Custodia, que sae*)

Vae-te. (*a Helena*) A' espera de dar lição? (*transição*)
Deve ser coisa muito aborrecida o mester de professor!

HELENA

Já estou acostumada...

ALEXANDRE

A ensinar os ignorantes?...

HELENA

Exercendo a minha profissão, pratico uma obra de misericórdia.

ALEXANDRE (*atalhando*)

Mas se pudésse...

HELENA (*com vivacidade*)

Trabalharia sempre, mas não tanto como agora!

ALEXANDRE (*com galanteria*)

Ora diga-me: Quer ser minha professora?

HELENA (*sorrindo*)

Sabe mais do que eu... Que poderia ensinar-lhe!

ALEXANDRE *(no mesmo tom)*

A ser tolo!

HELENA *(no mesmo tom)*

E' difficil!...

ALEXANDRE *(no mesmo tom)*

Porque já o sou... E' tão espirituosa como galante.

HELENA *(no mesmo tom)*

Eis ahi um erro que é necessario corrigir...

ALEXANDRE *(sorrindo)*

E' severo o castigo?

HELENA

O professor não castiga o discipulo,—reprehende-o...

ALEXANDRE

Convem-me o seu methodo!...

HELENA

Eu leciono só creanças...

ALEXANDRE

Que pena tenho de estar tão crescido...

HELENA *(atalhando)*

E adeantado...

ALEXANDRE (*sorrindo*)

Mas faça de conta que nada sei! ..

HELENA

Impossível!...

ALEXANDRE

Estou a adivinhar o seu pensamento: «Burro velho não aprende linguas»!

HELENA

Porque é teimoso...

ALEXANDRE

Como os velhos?...

HELENA

Não conheço a especialidade...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Mas eu, apesar de avançado, não perdi o paladar!...

HELENA

Talvez habituado a conservas...

ALEXANDRE

Não, pelo contrario, gostando muito dos fructos novos e frescos. Quanto mais verdes, melhor!...

HELENA (*levantando-se, dirige-se para o fundo*)

Com licença. Vou saber se chegou a menina.

ALEXANDRE (*detendo Helena*)

A Custodia está prevenida...

HELENA (*puxando o relógio*)

Tão tarde!

ALEXANDRE (*com intenção*)

Cuidei que fosse uma professora moderna.

HELENA (*vivamente*)

Ora essa! Porque?

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Parece-me conservadora, tendo um grande acatamento pelas velhas uzanças.

HELENA

Não compreendo.

ALEXANDRE (*com intenção*)

Talvez eu tenha um modo estranho de ver as coisas, mas, acredite, que, no fundo, falo com sinceridade. Habituêi-me sempre a manifestar os meus desejos por mais caprichosos que elles fossem, porque me sentia com dinheiro para os pagar. Se me julgasse um ingenuo, acreditaria que se obteem verdadeiros amigos, amigos dedicados, quando nos tornâmos generosos. Mas, se não acontece tal, sou, pelo menos,

obrigado a convencer-me de que tanto aqui, como lá fóra, a resistencia, e a pseudo-probidade se fazem pagar melhor... o dinheiro tudo compra!

HELENA (*com dignidade*)

Menos a minha estima!

ALEXANDRE (*num gesto de incredulo*)

Sim!...

SCENA VII

AS MESMAS, CUSTODIA

CUSTODIA (*ao fundo, para Helena*)

A menina está mudando de vestido; vem já. (*sae*)

SCENA VIII

AS MESMAS, menos CUSTODIA

ALEXANDRE (*junto de Helena, muito terno*)

Creia, que me penalisa vel-a, assim, a estiolar-se. Deveria aproveitar-se dos bellos recursos naturaes e fazer-se valer. Isto de canceiras é bom para os tolos!

HELENA (*um tanto agastada*)

Não preciso de conselhos!

ALEXANDRE

Talvez se engane! Nada mais natural que ter da vida

uma concepção errônea. O prazer é o unico lado agradável da existencia e o mais positivo!

HELENA (*no mesmo tom*)

Eu devo advertir...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Bem sei que este positivismo vae de encontro ás suas illusões de mulher! Mas para que ha de illudir-se?

HELENA (*encolerisando-se*)

Abusa da minha paciencia!... (*dirige-se para o fundo*)

ALEXANDRE (*seguindo Helena*)

Não se póde então conversar?

HELENA (*com dignidade*)

Não disponho de tempo!... (*espreita para dentro*)

ALEXANDRE

Mas dispõe de belleza... Torno a repetir: E' realmente triste não pensar mais em si! Tão linda e apetitosa a consumir-se a trabalhar! Por esses olhos — janella aberta para o coração — se adivinha um temperamento ardente. Depois, a curva graciosa do collo farto a definir uma aptidão materna. Não seja ingrata com o destino que tão prodigo foi, enchendo-a de graças!

HELENA (*exallando-se*)

O senhor é um insolente! (*dirigindo-se para o fundo*)

ALEXANDRE (*seguindo Helena*)

Como eu a adoro! Não lhe peço amor; peço-lhe que se deixe amar! (*pega-lhe numa das mãos, mas Helena repele-o com nojo*) Ha de ser minha!

HELENA (*desesperada*)

Nunca!

ALEXANDRE (*tentando beijar Helena*)

O mau tempo...

HELENA (*atalhando*)

O que o senhor precisava sei eu...

ALEXANDRE

Era um beijo!... (*tenta cingil-a*)

HELENA

Cobarde! (*soluça, desembaraçando-se de Alexandre*)

SCENA IX

AS MESMAS e CLARISSE

CLARISSE (*entrando a correr com uns livros debaixo do braço para Helena*)

Esperou muito por mim? (*Reparando que Helena limpa furtivamente os olhos*) Estava a chorar? Que tem, minha senhora?

HELENA (*limpando os olhos e beijando Clarisse*)

Nada, menina. Vamos dar lição. (*sáem pela esquerda alta*)

SCENA X

ALEXANDRE e CUSTODIA

CUSTODIA (*entrando a olhar para os lados*)

Trago uma novidade.

ALEXANDRE

Qual?

CUSTODIA

Guilherme é o amante de Helena—não ha que ver, mas estão amuados...

ALEXANDRE

Onde móra ella?

CUSTODIA

Elles não vivem juntos—guardam as conveniencias...

ALEXANDRE

Vae Helena visital-o?

CUSTODIA

Não, que se poderia encontrar com... a...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Com a minha sobrinha...

CUSTODIA (*atalhando*)

Que já tem desconfianças...

ALEXANDRE

E o criado não sabe d'isto?

CUSTODIA

Como morre de amores pelo senhor doutor, logo o avisaria... O meu silencio tem sido d'oiro e por oiro o hei de trocar!...

ALEXANDRE

Bem. Trata do que te disse (*Custodia sae*)

SCENA XI

ALEXANDRE e GUILHERME

GUILHERME (*entrando pela esquerda fundo*)

O Angelo?

ALEXANDRE (*estendendo a mão a Guilhermê*)

O nosso filosofo não janta hoje comnosco.

GUILHERME

Mas elle mandou-me recado para não faltar!...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Já se vê!... Ermelinda não ha de ficar sosinha!... Eu pouco a entretenho... de modo que Guilherme torna-se indispensavel...

GUILHERME (*em tom ambiguo*)

Mas, tambem, tenho a minha vida!...

ALEXANDRE (*enfático*)

Oh! o trabalho! Todos aqui me falam em trabalho, coisa que cheira logo a suor...

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Quando não ha outro remedio.

ALEXANDRE

Angelo é da mesma opinião, mas esse não admira. De quem eu tenho pena é da linda professora que Guilherme, conhece com intimidade... Della, sim... E' um dó d'alma coitadita! E' mal empregada! Se não fosse tão arisca...

GUILHERME (*tentando mudar de conversa*)

Temos por cá gente de fóra?

ALEXANDRE

Não sei, mas se viérem caras bonitas—nada farei ao seu lado!

GUILHERME

Mas eu não sou muito facil de contentar!

ALEXANDRE

Tambem eu não gosto de sobejos e...

SCENA XII

AS MESMAS e ANGELO

ANGELO (*entrando pela esquerda fundo e para Alexandre*)
Sempre venho jantar!

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Como me disséste...

ANGELO (*atalhando*)

Não contava estar de volta tão cedo. (*olhando o relógio*)
Mas ainda falta uma hora. (*faz menção de se retirar*)

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Não descansas...

ANGELO (*a Alexandre*)

Hoje fiz, realmente, alguma coisa. Imagine que restitui
à vida um doente que os meus collegas abandonaram!...

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Era rico esse doente?

ANGELO (*a Alexandre*)

Coitado!...

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Então, fizeste uma grande tolice!

ANGELO (*a Alexandre*)

Cumpri o meu dever!...

ALEXANDRE (*a Angelo*)₁

Lindo dever! Dar vida a um desgraçado!

ANGELO

São os desgraçados que, luctando e soffrendo, abrem o caminho da felicidade humana! E, depois, que seria dos ricos se não houvesse pobres? Melhor fôra que o dinheiro não existisse, visto que produz tanta calamidade.

GUILHERME (*a Angelo*)

O dinheiro é uma força!

ANGELO (*atalhando vivamente*)

Que se transveste na posse de malfeitores. (*transição*)
Não vamos mais longe: (*aponta a direita*) Ali, defronte, móra um ricasso. Sabem como elle amontoou tanto cabedal?

ALEXANDRE

Com esperteza!...

ANGELO

A' custa do sangue, da honra dos infelizes que lhe cahiram nas mãos. A fortuna deste Schylock cheira a cadaveres.

ALEXANDRE (a Angelo)

Como tu estás verde! Nessa idade e ainda na theoria!
Mas o mal é de raiz. Teu pae, tambem, tinha essa pecha e
morreu afinal sem ter assistido ás reivindicações. Desenga-
na-te. O mundo ha de sempre compôr-se de bons e maus.
Homo hominis lupus.

ANGELO (a Alexandre)

Não confunda a vida do homem com a vida das socie-
dades. O individuo desenvolve-se em quatro ou cinco lus-
tros; as sociedades em centenares de seculos. E não ha du-
vida de que os homens são susceptiveis de perfeição.

GUILHERME (a Angelo)

Mas as revoluções?

ANGELO (*vivamente*)

Não teem sido mais que tentames do homem para vi-
ver associado. A sociedade procura, sem descanso, essa for-
mula que até hoje não soube resolver.

SCENA XIII

AS MESMAS e JOSÉ

JOSÉ (*entrando dirige-se a Guilherme*)

A senhora pede-lhe a fineza de um instante.

GUILHERME (a José)

Lá vou. (*sacm José e Guilherme*)

SCENA XIV

ANGELO e ALEXANDRE

ANGELO

Já vê que não tem razão!...

ALEXANDRE (*vivamente*)

Não tenho! Onde encontraste o sentimento de generosidade dos animaes fortes, quando, por exigencias de estomago, são obrigados a matar os fracos? Imagina um leão magnifico, em toda a pujança de vida, especando sentimental defronte de um carneiro lazeirento: — «Não te mato, porque és mais fraco e eu devo respeitar a tua condição!» Seria ridiculo, e ao mesmo tempo inutil, que o leão percesse á mingoa de alimento, e o carneiro continuasse a vegetar miseravel e pôdre!

ANGELO

Mas na especie humana não ha necessidade igual! O cerebro de homem modificou-se; ha de prescindir da lucta, como já vae prescindindo de deuses archaicos e de religiões que outr'ora lhe pareciam indispensaveis. Não é o forte que triumpho, é o justo que se perpetua; não são os maus, que vencem; são os bons, que se glorificam, — porque delles é o reino da terra!

ALEXANDRE

Ora! D'aqui até lá!...

ANGELO (*sorrindo*)

Vão os sobrinhos illuminando os tios!

SCENA XV

AS MESMAS e CLARISSE

CLARISSE (*abrindo a porta do consultorio, para Angelo*)

O' padrinho! A professora deseja falar-lhe.

ANGELO (*a Clarisse, ameiando-a*)

Como vamos a respeito de lições? Estudas?

CLARISSE (*a Angelo*)

Sim, padrinho.

ANGELO (*encaminhando-se para a esquerda baixa*)Bom. (*sae*)ALEXANDRE (*a Clarisse*)Dize ao José que me escove a sobrecasaca. (*sae pela direita baixa e Clarisse pela direita alta*)

SCENA XVI

GUILHERME e ERMELINDA

ERMELINDA (*entrando com Guilherme*)

Isso era bom que eu tivesse um meio discreto para afastar meu tio!

GUILHERME

Sim, já vejo que não o poderás alijar facilmente. Angelo gosta tanto delle!

ERMELINDA

Apesar de um tanto excentrico e das manias de luxo, não tem mau fundo. Comprehendes que não é o arsenal de armas e bagagens que me incommoda.

GUILHERME

Mas elle demora-se?

ERMELINDA

Quando chegou disse que se demorava, em nossa casa, apenas uns oito ou dez dias, mas já lá vão quinze. Demais, agora anda empenhado em que Angelo faça uma longa viagem, por causa da minha doença.

GUILHERME

E tu tens vontade de ir?

ERMELINDA (*com ternura*)

Sem ti!

GUILHERME

Se é preciso para a tua saude...

ERMELINDA

Eu não me illudo com respeito ao meu estado. Deverei ter uma angina de peito, embora Angelo affirme o contrario para não me affligir. Para alguma coisa me haviam de servir os livros que ha para ahi. (*transição*). Mas o que me dá cuidado é a presença de meu tio!

GUILHERME

São mais dois olhos!

ERMELINDA

E a Custodia?

GUILHERME

Põe-n'a na rua, quanto antes.

ERMELINDA

Depois d'amanhã já estarei livre della. Mas...

GUILHERME

Que mais temos?...

ERMELINDA

Nada.

GUILHERME

Mas tu queres dizer alguma coisa!...

ERMELINDA (*com intenção*)

Cuidas tu isso!

GUILHERME

Não queres dizer, não digas...

ERMELINDA (*ternamente*)

Se eu tenho medo que te zangues...

GUILHERME

Porque havia eu de zangar-me?

ERMELINDA (*com intenção*)

E' que não sabes de que se trata!...

GUILHERME

Seja de que fôr!...

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Seramente?

ERMELINDA (*sem largar Guilherme, fita-o muito nos olhos, pronunciando devagar*)

E se eu despedir Helena?

GUILHERME

E' que terás rasões para isso!...

ERMELINDA (*com vivacidade*)

Não te importas? Juras?

GUILHERME

Dou-te a minha palavra...

ERMELINDA (*suspirando*)

Não imaginas o bem que me fizeste com...

GUILHERME (*atalhando*)

Melhor farias se afastasses o tio!

ERMELINDA

Mas como?

GUILHERME

Qualquer mentira serve, contanto que tenha visos de verdade.

ERMELINDA

Receio que Angelo não me acredite. E, depois, zangado...

GUILHERME

Não faz mal a uma mosca! O seu lemma é o *quinto mandamento*!

ERMELINDA

Embora...

GUILHERME

Dir-se-hia que não o conheces!

ERMELINDA

Se não me ama, aprecia-me a seu modo. Não devo ser a mulher que lhe convem, visto eu não suportar esta vida de estudo, que elle leva, mas ainda assim cuido que me estima bastante...

GUILHERME

Os sabios não se gastam em coisas do coração...

ERMELINDA

Elle deveria pensar um pouco mais em mim, mas... a clinica dos pobres primeiro que tudo. A principio ainda tentei tiral-o dessa mania, mas agora já nem penso em tal!... *(transição)* Com a nossa fortuna poderíamos viver de outra maneira: viajar, entreter relações. Se elle cura os outros, não me cura a mim, que morro de tedio.

GUILHERME

E' um marido que mata por outra forma...

SCENA XVII

AS MESMAS e ANGELO

ANGELO *(entrando, ouve as ultimas palavras)*

Que diziam vocês? Maridos que matam?

GUILHERME *(a Angelo)*

Era a tua esposa a contar-me um pesadelo horrivel. Sonhou que a querias matar!...

ANGELO (*sorrindo*)

Que de mortes nós fazemos sem querer!...

SCENA XVIII

AS MESMAS e JOSÉ

JOSÉ (*entrando, a Angelo*)

Está lá fóra um creado daquelle palacio defronte. Péde ao senhor doutor que vá immediatamente.

ANGELO (*a José*)

E' do banqueiro?

JOSÉ (*a Angelo*)

Sim, senhor.

ANGELO (*a José*)

Se é para algum dos creados vou já; mas para elle, não, —que chame outro medico (*José vae para retirar-se, e Angelo toma uma brusca resolução*) Não, não, espera. Seja para quem fôr... Pedem o meu auxilio!... (*sae atrás de José*).

(CAE O PANNO)

Acto segundo

A mesma scena do primeiro acto

SCENA I

HELENA, CLARISSE; depois ALEXANDRE
e ERMELINDA

(Helena e Clarisse, ao levantar o panno, estão sentadas á mesa em cima da qual se veem livros, cadernos de papel, tinteiro e uma ardosia. Clarisse tem um livro aberto nas mãos).

HELENA

Fiquêmos hoje por aqui, com respeito á analyse logica. Para a lição, que vem, estude os quatro periodos immediatos.

CLARISSE

Até o fim da pagina?

HELENA

Deixe-me ver o seu caderninho *(pega no caderno)*. Escreveu o verbo *amar*, conforme lhe recomendei?

CLARISSE (*reccosa*)

Eu tinha-o principiado, mas depois...

HELENA (*depois de verificar*)

Preguiçosa! Só escreveu o presente do indicativo!

ALEXANDRE (*deitando a cabeça de fóra do reposteiro da esquerda, para Helena, de modo que Clarisse não ouve*)

Basta a primeira pessoa...

CLARISSE (*confusa*)

E' que...

HELENA (*com meiguice*)

Pois não só ha de acabal-o, mas copiar outro. (*Escreve no caderno*).

CLARISSE

Qual?

HELENA (*depois de escrever*)

Este. Mas tome cuidado, que não se conjuga do mesmo modo. A que conjugação pertence?

CLARISSE (*lendo e pensando*)

«Soífrer» pertence... pertence á...

ALEXANDRE (*do mesmo sitio, atalhando*)

A'quelles que amam... (*Ermelinda aparece ao fundo e observa sem ser vista*).

CLARISSE

A' segunda!...

HELENA

E são regulares—«amar e soffrer»?

ALEXANDRE (*atalhando*)

Regularísimos...

CLARISSE (*depois de reflectir*)

São.

HELENA

Escreva-os com atenção para melhor os fixar.

CLARISSE

«Amar» já eu sei...

HELENA

Pois «soffrer» não é custoso!

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Na grammatica!...

HELENA

Vamos agora á doutrina : Quantos são os mandamentos da lei de Deus?

CLARISSE

Dez.

HELENA

Diga alternadamente: Qual é o nono?

CLARISSE

Não desejar a mulher do proximo.

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

E' a que mais apetece...

HELENA

O decimo?

CLARISSE (*pensando*)

Não cubiçar...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Senão as coisas bonitas...

CLARISSE (*depois de pensar*)

As coisas alheias.

HELENA

E o quinto?

CLARISSE

Guardar castidade...

ALEXANDRE

Que tolice... (*desaparece*).

HELENA

O quinto: não matar.

ERMELINDA (*aproximando-se*)

Por hoje basta. (*a Clarisse*) Vae lá para dentro e leva os teus livrinhos. (*Clarisse sae*).

SCENA II

ERMELINDA e HELENA

HELENA

A menina está muito atrasada; tenho que puxar por ella.

ERMELINDA

Não póde ser, que é muito fraca...

HELENA

Mas...

ERMELINDA (*atalhando*)

Eu desejo que ella descanse e, como estamos no verão, recommeará no inverno.

HELENA (*admirando-se*)

A menina não vae a exame?

ERMELINDA

E' desnecessario.

HELENA

Ah!...

ERMELINDA (*com intenção*)

E' talvez conveniente pararmos com as lições.

HELENA (*com tristeza*)

Como quizer, minha senhora.

ERMELINDA (*depois de uma pausa*)

Aqui tem a mensalidade (*apresenta-lhe um envelope que Helena não aceita*).

HELENA (*com dignidade*)

Nada me deve!

ERMELINDA

Deveria tel-a prevenido com tempo; não o fiz, remedieo deste modo...

HELENA (*atalhando*)

Não me queixei ainda.

ERMELINDA (*com intenção*)

Mas poderia vir a fazel-o...

HELENA

Extranho o modo como está falando! Terei eu cometido, sem saber, alguma irregularidade?

ERMELINDA (*com affectado desdem*)

Deixemos este assumpto.

HELENA

Não comprehendo...

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Ha coisas que á primeira vista parecem incompreensíveis...

HELENA (*atalhando*)

Porisso se explicam...

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Mas não se esqueça de que, nesta casa, não passa de uma simples professora...

HELENA (*agastada*)

Como tal, sei quaes são os meus deveres...

ERMELINDA

Parece-me bem que não...

HELENA (*no mesmo tom*)

Ignoro o que a senhora quer dizer—repito. Não entendo expressões enigmáticas!..

ERMELINDA (*íronica*)

Enigmática, eu!... Esperava que a sua consciencia fallsse primeiro...

HELENA

Por mais esforços, que faça, não attingo onde quer chegar...

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Se ainda não adivinhou, escuso-me a dar mais explicações.

HELENA (*com dignidade*)

Perdão... Mas eu é que as exijo!...

ERMELINDA

Nada tem que exigir; deixou de ser professora e, em qualquer outra ordem de idéas, dispense-me de lhe dar conselhos...

HELENA (*com altivez*)

Como mulher, decerto. Julgo-me bem orientada para seguir os dictames da minha consciencia e os impulsos do meu coração!...

ERMELINDA (*com intenção*)

Ora, era por ahi que deveríamos ter começado...

HELENA (*perturbando-se um pouco*)

Creio que ninguém pôde censurar as minhas inclinações. O senhor doutor não ignorava a minha situação, quando me aceitou como professora da menina. No tocante ao meu cargo julgo ter cumprido...

ERMELINDA (*atalhando*)

Não se trata disso...

HELENA (*admirando-se*)

Não entendo...

ERMELINDA

E' muito simples: Se lá fóra a requestam por qualquer motivo, que não aprecio, aqui, não consinto idillios. Nada tenho que ver com o seu estado de espirito; despeço-a para que Clarisse não aprenda as lindas coisas... que meu tio lhe segreda atrás dos reposteiros...

HELENA (*indignando-se*)

A senhora torna-me responsavel por esses atrevimentos?

ERMELINDA

Nem mais...

HELENA

Mas, minha senhora, não me competia ensinál-o a respeitar-me nesta casa... Lá fóra saberia collocar-me no meu logar...

ERMELINDA

Ha pouco, a senhora calava-se perante as blandicias de meu tio; logo as auctorizava ou consentia (*transição*). Mas já dissemos o bastante... (*indo a retirar-se, volta-se*). Vou mandar-lhe a minha afilhada, de quem poderá despedir-se... (*sae*)

SCENA III

HELENA e ANGELO

(*Helena admirada segue Ermelinda com os olhos e depois senta-se soluçando*)

ANGELO (*entra preocupado e dirige-se á estante procurando papeis; depois dá com Helena, que enxuga os olhos*)

Que é isso? Chorando?

HELENA (*disfarçando*)

Nada, doutor:

ANGELO

Eu bem vi que chorava. Que lhe aconteceu?

HELENA

Cria, doutor!...

ANGELO (*atalhando*)

Melindro-a, talvez, insistindo!...

SCENA IV

AS MESMAS e CLARISSE

CLARISSE (*entra a correr e dirige-se a Angelo*)

O' padrinho! O' padrinho! A senhora D. Helena vae-se embora! Não é verdade, pois não!... (*a Helena*) Diga que não vae, diga...

HELENA (*acariciando Clarisse*)

Não póde deixar de ser!...

ANGELO (*admirado*)

Que significa isto?

CLARISSE (*a Helena*)

Ora, não ha de ser, que eu não deixo. (*a Angelo*) O padrinho não consente, e eu vou tambem pedir á madrinha. (*sáe*).

SCENA V

AS MESMAS menos CLARISSE

ANGELO (*depois de Clarisse sair*)

Minha mulher despediu-a?

HELENA (*suspirando*)

E' verdade.

ANGELO

Mas porquê?

HELENA

Não tem importancia.

ANGELO

Em todo o caso, diga-me o motivo.

HELENA

Não vale a pena...

ANGELO

Mas eu preciso saber-o...

HELENA

Sua esposa culpa-me dos gracejos do senhor Alexandre.

ANGELO (*atalhando*)

Aquelle homem! (*transição*) Mas isso não pôde, nem deve ser. Ermelinda é facilmente irritavel. No primeiro assomo parece polvora, mas, depois, tudo lhe passa! Eu, ás vezes, tambem queria ralhar, e receio que ella tenha qualquer exaltação perigosissima. Agora, porém, o caso não tem importancia. Quer ter a prova de que Ermelinda não se lembra já do que fez? Vou mandal-a chamar. (*dirige-se para o fundo*).

HELENA (*detendo Angelo*)

Pelo amor de Deus, doutor!

ANGÉLO

Então!

HELENA

Ainda que fosse offendida, suportaria o agravo, por gratidão para comsigo; quanto mais não o sendo!

ANGELO

Nesse caso, volte amanhã á hora da lição, como se nada tivesse havido. Eu falarei com minha mulher.

HELENA

Desculpe, doutor. Não voltarei.

ANGELO

Não seja creança. Venha; sou eu quem lhe pede...

HELENA

Rogo-lhe que não insista...

ANGELO

Mas que irrevogavel decisão é essa?

HELENA

Não me interrogue, doutor...

ANGELO (*depois de uma pausa*)

Vejamos se as coisas se podem levar doutra fôrma. O facto de não querer voltar aqui não impede que as lições continuem.

HELENA

Como?

ANGELO

Mandarei a pequena a sua casa...

HELENA

Obrigada; mas não pode ser. Era um grande inconveniente para a menina. Além disso, sua esposa não gostaria dessa resolução—origem, por certo, de discordias.

ANGELO

Afflige-me deveras a sua situação. Quantas lições tem?

HELENA

Com esta, tres!

ANGELO

E, agora, com menos uma, não poderá viver!... Se eu lhe pudesse arranjar trabalho!... (*pensando*) Olhe, eu tenho entre mãos umas memorias scientificas. Quer occupar-se em copial-as?

HELENA

Aceito com prazer, bem que a minha ignorancia...

ANGELO

Bastará copiar e nada custa, porque eu escrevo sem raturas. Ha de encontrar muitos schemas e graphicos, mas deixal-os-ha em branco!

HELENA

Sendo assim!...

ANGELO

E' quasi um mez de trabalho. Depois pensaremos noutra coisa. Vou pôr os papeis em ordem. Volte por cá quando puder.

SCENA VI

AS MESMAS e CLARISSE

CLARISSE (*entrando, a Helena*)

Minha senhora.

ANGELO (*a Helena, que se retira*)

Fica assim combinado.

HELENA (*despedindo-se de Angelo*)

Obrigada.

GLARISSE (*sahindo abraçada a Helena*)

Sempre se vae embora! Tenho tanta pena!

SCENA VII

ANGELO e ERMELINDA

(*Angelo dirige-se a uma estante de cujas gavetas tira um
masso de papeis; leva-os para cima da mesa e folheia-os,
sentando-se de costas para o fundo*)

ERMELINDA (*entra olhando para os lados*)

Ah! já se foi!...

ANGELO (*erguendo os olhos para Ermelinda*)

Estás satisfeita?

ERMELINDA

Oxalá meu tio fosse tambem.

ANGELO

Queres a casa despejada? De Guilherme tambem pretendes desembaraçar-te?

ERMELINDA

Conforme...

ANGELO

Mas que mal te fez essa pobre rapariga?

ERMELINDA

E tu porque a defendes?

ANGELO

Por me desagradarem injustiças. No caso della, gostarias que te fizessem o mesmo?

ERMELINDA

Cumpriria o meu dever!...

ANGELO (*irónico*)

Mas, enfim, que delicto praticou ella, de que a accusas?

ERMELINDA

De aceitar os galanteios do tio... E depois, Helena é uma mulher de reputação equívoca!...

ANGELO (*indignando-se*)

Porque dizes isso?...

ERMELINDA (*com intenção*)

Deves saber-o melhor que eu!...

ANGELO

Por ella gostar de Guilherme? E' esse o crime?

ERMELINDA (*mordendo os beiços*)

Não é conveniente que uma mulher não casada, nem viuva, lecione uma menina!..

ANGELO

Que tens tu com isso? Helena é menos digna porque não foi á egreja?

ERMELINDA

Não quero saber onde ella foi; quero saber onde ella vem...

ANGELO

Melhor fôra que não curasses do que não sabes apreciar. Superficial, como és, em tudo, não estás bem nestas questões de preconceitos e muito menos a julgar os outros, tarefa árdua de mais para uma mulher!

ERMELINDA

Cada qual nã sua casa dá leis como entende. Além disso eu procedi conforme á minha consciencia...

ANGELO

Mas o que é a tua consciencia? Sempre esse termo na bôcca, como se elle valesse alguma coisa! A nossa consciencia só poderá valer, quando perfeita e segura possa apreciar os factos e tirar delles conclusões justas. Do contrario, é tudo — menos consciencia.

ERMELINDA

Ora essa!

ANGELO

Com que consciencia procedeste, procedendo tão mal? E' essa frase bombastica de muita gente má! Se todos procedessem como tu, segundo *a tal consciencia*... seriam precisas tantas leis, como individuos; de onde uma lei igual para todos seria a maior desigualdade possivel!

ERMELINDA

Disso não entendo eu; sei que qualquer mulher nas minhas condições...

ANGELO (*atallhando*)

Cometteria um roubo como tu.

ERMELINDA

Eu?

ANGELO

Tiraste uma migalha de pão a quem o ganhava honestamente pelo seu trabalho! Que nome queres que lhe dê?

ERMELINDA

Helena não é a única que precisa; outra virá substituí-la.

ANGELO

De facto, ha muita gente que precisa, como tu, de saber viver sem prejudicar os que trabalham!...

ERMELINDA (*agastada*)

Falando tão mal dos ricos, não sei como tu não entregas a fortuna aos pobres!...

ANGELO

Nem a mim nem a ti compete resolver o problema...

ERMELINDA

Porisso mesmo: como não pretendo endireitar o mundo, vou governando a minha casa.

ANGELO

Mas não exerças violencias que me desagradam.

ERMELINDA

Ainda estou para saber o que é do teu gosto: Se procuro distrahir-me, buscando o convívio de creaturas simples (que para ti são banaes) aborreces-te, sem te occorrer que eu não posso levar a vida de estudo em que se compraz o teu génio.

Encheram-me de dinheiro, era natural que eu me enfeitasse, além de que o meu peccado entra na regra geral!...

ANGELO

Nunca te fui á mão porisso. Lamento que me enchas a casa de frivolos, mas, como te sentes bem assim, não quero compellir-te ao sacrificio.

ERMELINDA

E' o que toda a gente faz!...

ANGELO

Lá vens tu com o—*toda a gente!* Recebe quem quizeres, por teu alvedrio e nunca por imitação. Cada um de nós deve estar tanto na certeza do que pensa como na consciencia do que realiza. Do contrario, nem o justo tem equidade! nem o ladrão é culpado, nem o assassino criminoso, nem...

SCENA VIII

AS MESMAS e ALEXANDRE

ALEXANDRE (*entrando, atalha as ultimas palavras*)

Que tirada filosofica! E' de Vicira? (*a Ermelinda*) Lamento-te, cara sobrinha.

ANGELO (*voltando-se para Alexandre*)

Não é verdade?

ALEXANDRE (a *Angelo*)

Sei lá! Dou-me bem com os filosofos, porque, achando-os curiosos, escolho de todas as doutrinas aquella que mais se harmonisa comigo. O resto é para uso externo... para agitar, como dizem os rotulos de certos frascos...

ERMELINDA (a *Alexandre*)

Mas não se póde saber qual é a sua predilecção?

ALEXANDRE (a *Ermelinda*)

Não tenho predilecções. Todos os principios são bons desde que nos agradem... Assim, a vida deve suportar-se sem impetos nem canseiras, visto como o prazer é o unico partido a tirar della.

ANGELO (a *Alexandre*)

Parece-me que o tio é dos taes que não sabem o que querem!

ALEXANDRE (a *Angelo*)

Oh! se sei! Queria agradar ás mulheres: uma coisa para que não é precisa a filosofia, mas sim a mocidade!...

ERMELINDA (a *Alexandre*)

Ora, eis ahí um pensamento vulgar!...

ALEXANDRE (a *Ermelinda*)

Em todo o caso uma vulgaridade encantadora!... Ah! que saudades do tempo em que eu não passava despercebido do bello sexo!

ANGELO (*a Alexandre*)

Do periodo romantico, quando o homem sonha com princesas e a mulher vive a vida das ingenuas dos romances...

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Para dizer a verdade—ingenuas authenticas... nunca encontrei!

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Que exagero!...

ALEXANDRE (*emfatico*)

Acredito nas scenas de ingenuidade, quando bem pintadas... Imaginem um mocetão de olhos escuros, fartos bigodes e barba, como a de Christo, grupando-se a uma figurita de Bottiscelli! De lume nos olhos, elle ardendo em vagos desejos, segreda-lhe ao ouvido endechas de entontecer, mas a namorada, de mãos pequeninas, amachucando as pontas do avental, responde toda cheia da graça que o carmin lhe empresta ás faces:—«não sei se o deva acreditar»!

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Porque não casou o tio com uma dessas innocentes! Ver-se-hia agora rodeado de filhos, mirando-se nelles orgulhoso da sua obra!

ALENANDRE (*ironico, a Ermelinda*)

Poderia não acertar... As mulheres são como as melancias...

ERMELINDA (*rindo, a Alexandre*)

Oh! tio...

ALEXANDRE

Dizem que o casamento, uma ninhada de pequerruchos, tem os seus encantos; mas eu continuo a pensar que é uma coisa boa—para os outros!...

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Os homens não se devem queixar; é tudo a seu favor!

ALEXANDRE (*com intenção, a Ermelinda*)

Menos certas surpresas...

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Até, quando se dão mal, podem ser felizes de outro modo! Ao passo que as mulheres não se casam—casam-n'as!...

ALEXANDRE (*a Ermelinda*)

Em matéria de casamento podes tu, á vontade, prégar-me moralidade!... E' assumpto virgem para mim; não pratiquei!... (*a Angelo*) Estás tão calado!

ANGELO (*apontando o retrato da parede do fundo*)

Pensava agora no que meu pae me disse ao terminar o curso:—«casa-te cedo, afim de poderes educar teus filhos nos verdadeiros sentimentos de humanidade»!

ALEXANDRE (*a Angelo*)

E nem por madrugares te amanheceu mais cedo!... E' o que eu digo: O amor é uma especie de duetto, em que, muitas vezes, uma das partes desafina, quando não são as duas!

ANGELO (*como falando consigo*)

Casiei-me sem ter creado illusões. Meu pae envolveu-me a adolescencia numa atmosfera scientifica; emquanto eu estudava mathematica, elle fazia reacções. Nas estantes da sua rica bibliotheca não havia uma obra de imaginação. Todas as creanças gostam de livros com estampas; mas eu só me recreava nes figuras de anatomia dos pesados volumes dos armarios. Minha mãe morreu de febre puerperal dias depois de eu nascer, de maneira que o silencio do interior, em que meu pae se escondia, foi a unica musica que conheci na mocidade.

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Isso ha de haver mais de trinta annos. Por essa epoca sahi de Portugal.

ANGELO

Assim, aprendi a minha profissão desde creança.

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Conheci, muito bem, teu pae. Ouvi-lhe dizer, algumas vezes, que havia de fazer de ti um homem util. Segundo elle, que si todas as profissões eram degradantes ou parasitarias.

ANGELO (*a Alexandre*)

Parece-me que ainda o estou a ouvir: — «Queres ser advogado, politico, commerciante, industrial, burocrata, militar, medico», etc. ?

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Depois fez uma dissertação sobre esses diversos mestéres...

ANGELO (*a Alexandre*)

E na verdade, tio: Que coisa é o advogado senão uma entidade tantas vezes parcial, defendendo, pela rabula, os maus, sempre dispostos a pleitear com os bons! E o politico? O involucro de polichinello, cujos cordões são puxados por manha e astucia!... De todos os officios é este o mais depressimente; ao fim da vida vê-se um homem coberto de opprobrio e gran-cruzes!... O commerciante é um intermediario capcioso; o industrial alimenta-se do suor dos que trabalham; finalmente, o militar e o burocrata são duas especies do casulo da preguiça. O militar, com a aggravante de fazer parte de uma escola obsoleta de criminosos. Apenas uma se me afigura verdadeiramente util—a de medico! E' a unica que salva; as outras mentem e matam!

SCENA IX

AS MESMAS e GUILHERME

GUILHERME (*entrando*)

Com que reunidos em magno concilio?

ERMELINDA (*a Guilherme*)

Que novas nos traz?

GUILHERME

Um crime de sensação!

SCENA X

AS MESMAS e JOSE

JOSÉ (*entrando, a Angelo*)

Senhor doutor!

ANGELO (*a José*)

Que é?

JOSÉ (*a Angelo*)

Um operario que vem buscar...

ANGELO (*atalhando*)

Já sei. (*a Guilherme*) Vae contando. (*sae atrás de José*)

SCENA XI

AS MESMAS menos ANGELO e JOSÉ

ALEXANDRE (*a Guilherme*)

Vamos a ouvir!

GUILHERME

Trata-se de um crime violento.

ERMELINDA (*a Guilherme*)

Drama de amores?

GUILHERME (*a Ermelinda*)

Um mixto!

ALEXANDRE (*olhando com intenção para Ermelinda e Guilherme*)

Um adultério?...

GUILHERME

O adultério banal. O prologo é sempre o mesmo e resume-se nisto: Uma velha creada que exigia, de quando em quando, grossas quantias á patroa, resolveu contar tudo ao marido, porque o ultimo saque lhe foi negado. O homem ouviu a delação e continuou a fingir que nada sabia. Em seguida pretextou uma viagem—(truque estafado, mas que produz sempre effeito) e sahiu para voltar dias depois. Mas, nessa madrugada, entrando de *abbadie* na alcova, despejou todas as balas nos adulteros, que logo morreram.

ALEXANDRE

Perfeitamente vulgar!

ERMELINDA (*pensativa*)

Triste vulgaridade!...

ALEXANDRE (*a Guilherme*)

Exemplos sugestivos...

GUILHERME (*perturbando-se*)

Sim... talvez...

ALEXANDRE (*com intenção*)

O marido cumpriu ou não o seu dever?...

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Conforme... não sei...

ALEXANDRE

Claramente. Se um homem vai até o casamento, não admira que passe pelo inferno... (*sorrindo com intenção para Ermelinda*) Que te parece!

ERMELINDA (*levantando-se contrariada*)

Issy é lá com os senhores! (*sae*)

SCENA XII

AS MESMAS menos ERMELINDA

ALEXANDRE (*viendo sair Ermelinda*)

Minha sobrinha não gostou da discussão!...

GUILHERME

Como anda muito doente, qualquer coisa lhe dá abalo.

ALEXANDRE (*com intenção*)

Aqui para nós... Quando estava a narrar o crime, pareceu-me ver nas suas palavras um não sei quê especial...

GUILHERME (*perturbando-se*)

Foi engano da sua parte.

ALEXANDRE

E' possível!...

SCENA XIII

AS MESMAS e ANGELO; depois Ermelinda

ANGELO (*entrando*)

Discutem ainda o caso?

ALEXANDRE (*com intenção para Angelo*)

Que marido!

ANGELO (*a Alexandre*)

E' um selvagem!

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Já sabes?

ANGELO (*a Alexandre*)

Contou-m'ó um operario que veio por um attestado.

ALEXANDRE (*irónico a Guilherme*)

Algun pobre diabo confiante... talvez amigo do traidor... Como este caso offerece profundas considerações, não é verdade, Guilherme?

GUILHERME (*perturbando-se*)

Comprehende-se o castigo para os que nos deshonram. O marido atraído tinha, porém, um meio mais consentaneo com a dignidade—o duello!

ANGELO (*a Guilherme*)

Parece incrível que tu digas isso!

GUILHERME (*a Angelo*)

Porquê?

ALEXANDRE (*irónico a Angelo*)

Guilherme pensa como a maioria!...

ANGELO (*a Alexandre*)

Porisso mesmo—pensa mal!

GUILHERME

Pensarei...

ANGELO

Nenhum homem é responsável pelos actos de outro homem; mas sim a comunidade—cumplice das más acções que elle pratica. Todos são responsáveis por esse delicto, que nunca constitue um facto isolado e independente.

ALEXANDRE

Theorias! (*Ermelinda escuta ao fundo sem ser vista*)

ANGELO

E vejam como a justiça é exercida por homens que julgam homicídios, estando na contingencia de matar!

ALEXANDRE

Matam uns por egoísmo, outros por estupidez...

ANGELO (*atalhando*)

O homem que mata julga-se capaz de dirigir os outros, de praticar justiça, de mostrar um exemplo. Assim, o individuo que extermina a adúltera não mata por si mas por conta da sociedade, pela qual se julga olhado!

ALEXANDRE (*a Angelo*)

Mas nos casos de honra?

ANGELO (*a Alexandre*)

Um homem não se deshonra, porque a mulher o atraiçoa; tal idéa é absurda! As suas virtudes permanecem virgens e intactas, não se alteram com os desequilibrios de uma femea!

SCENA XIV

AS MESMAS e ERMELINDA

ALEXANDRE (*a Ermelinda que entra*)

Não imaginas o que perdeste!

ANGELO (*puxando o relógio*)Tenho que ir a uns doentes (*sae*)ALEXANDRE (*a Angelo*)São também contigo. (*sae*)

SCENA XV

ERMELINDA, GUILHERME, depois CUSTODIA

ERMELINDA (*sentando-se*)

Sinto-me tão mal! . . .

GUILHERME

Que tens?

ERMELINDA

Muito indisposta . . . não sei o que presinto . . .

GUILHERME

Não te apoquentes tu . . .

ERMELINDA (*atalhando*)

Aquellas allusões do tio... Não sei, tenho medo...

GUILHERME

Ora, adeus!

ERMELINDA (*levantando-se e depois de uma pausa*)

Podes crer que estou cada vez peor: Quando te apartas de mim, perco logo as forças que me restam. Qualquer coisa me aborrece e enerva e desconfio de tudo e de todos.

GUILHERME

Então, não vale desanimar!

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Parece-me que a cada canto, atrás de uma porta, debaixo de um reposteiro alguém me espreita e tenta adivinhar e lêr-me os pensamentos. Sou até capaz de compôr a fisionomia do espião. (*começa a exaltar-se*) Tem os olhos abertos, a bocca escancarada e sempre numa attitude horrivel! Quero gritar e não posso, como se um nó apertado na garganta me asfixiásse...

GUILHERME (*tentando sercar Ermelinda*)

Estás muito exaltada; socega. Bem sabes que toda a commoção te faz mal.

ERMELINDA *(no mesmo tom)*

Não calculas que pavor, então, se apodera de mim! Não te vás embora, não me deixes sózinha! *(exaltando-se mais, esgarça os olhos)* Pelo amor de Deus! socega-me, que não sei que tenho! *(dá um grito vendo passar Custódia ao fundo)* Lá está elle! Lá está elle! Esconde-me! Esconde-me!

GUILHERME

Não vêes que era a Custódia!?

ERMELINDA *(abrindo os olhos)*

Tenho medo!

GUILHERME *(sorrindo)*

De fantasmás não ha que recçar! Peor duende é a tua creada!

ERMELINDA *(estremecendo)*

Custódia!

GUILHERME

Muito cuidado com ella!...

ERMELINDA

Que hei de eu fazer?

GUILHERME

Suportal-a por enquanto...

ERMELINDA (*exaltando-se*)

Não, não posso mais; estou farta desta lucta constante e quero acabar com isto de uma vez. Guilherme, leva-me contigo. Não me obrigues a viver mais tempo neste martírio, porque não tenho animo para tanto! Se isto assim continua, declaro tudo, tudo, tudo!

GUILHERME

Não estás em ti! Que seria de nós, para onde ir? Dir-se-hia que desconheces a minha vida complicada. Não te apoquentes mais. Tanto precisas, neste momento, de uma distracção! Olha, porque não tocas um pedaço?... A musica, para os nervos, é um tonico...

ERMELINDA (*dando um grande suspiro*)

Tens razão, desculpa-me. (*vae até o piano e senta-se*)

GUILHERME (*emquanto Ermelinda dedilha no teclado*)

Vês? Já te sentes melhor! Agora, se me dás licença, retiro-me. (*dirige-se para o fundo*)

ERMELINDA (*parando de tocar*)

Vens esta noite?

GUILHERME (*despedindo-se*)

Farei a diligencia. (*sae*)

SCENA XVI

ERMELINDA e CUSTODIA

CUSTODIA *(entra em bicos dos pés, espiando, e vai até o piano, por detrás de Ermelinda, que toca um trecho do Othello)*

Minha senhora! Minha senhora!

ERMELINDA *(dando um pulo)*

Jesus! Que é isto?

CUSTODIA *(com um sorriso cruel)*

Não se assuste; sou eu!...

ERMELINDA

Deixa-me...

CUSTODIA *(maliciosamente)*

Cuidei que o negocio da professora...

ERMELINDA *(com enfado)*

Não quero saber disso!...

CUSTODIA *(no mesmo tom)*

Tenho dado passos que não se imagina. E tudo para bem servir a senhora!...

ERMELINDA (*ironica*)

Bem sei...

CUSTODIA (*pronunciando devagar*)

É sempre vim a saber que Helena fica todas as noites com...

ERMELINDA (*fingindo-se indiferente*)

Que importa!...

CUSTODIA (*maliciosamente*)

Visto isso, não direi mais...

ERMELINDA (*desesperada*)

Mas que sabes tu, explica-te?...

CUSTODIA (*no mesmo tom*)

A senhora sempre quer saber?

ERMELINDA (*impaciente*)

Mas fala, fala!...

CUSTODIA (*no mesmo tom*)

Aquella pessoa, por quem a senhora se amofina, não merece a estima de um cão, quanto mais... Prêga-lh'a mesmo na menina do olho...

ERMELINDA (*afflicta*)

Mas que dizes tu?

CUSTODIA (*nô mesmo tom*)

A verdade! A minha bocca, fechada como um aloquete só se abre para dizer a verdadinha!...

ERMELINDA (*exaltada*)

E', então, certo que elles...

CUSTODIA (*atalhando*)

Não ha a menor duvida...

ERMELINDA (*entre desalentada e ferida*)

Que infamia! E eu que não queria acreditar!

CUSTODIA

E depois a empatar aquella pobre rapariga, que ainda poderia ter um bello futuro!... Imagine, que o senhor Alexandre está disposto a dar-lhe tudo...

ERMELINDA (*com enfado*)

Adeante...

CUSTODIA

Eu quiz tirar-lhe a maluqueira da cabeça, mas, por pouco não me bateu, quando eu lhe fui dizer;—«Menina não perca a sua mocidade com semelhante homem! Olhe que ainda pôde ser muito feliz. Basta uma palavra sua, que é como se fosse una varinha de condão!»

ERMELINDA (*alheada*)

Isso não pôde ser! São suposições tuas!

CUSTODIA (*com vivacidade*)

Nunca! Tambem o senhor Alexandre não a queria acreditar, mas eu metti-lhe os dedos pelos olhos!...

ERMELINDA (*afflicta*)

Ah! maldita, que foste dizer a meu tio!

CUSTODIA (*maliciosamente*)

Eu não... elle... é que desconfiou!...

ERMELINDA (*com energia*)

Mentes! Não tens vergonha na cara? Achas pouco o que eu te tenho feito?

CUSTODIA (*no mesmo tom*)

Credo! Anjo bento! Nem sei como hei de falar! O senhor Alexandre chegou-se ao pé de mim:—«Has de dizer tudo, quando não... Escusas de negar!» E vac eu, como tive medo, disse apenas um bocadinho, por onde elle tirou o resto!...

ERMELINDA (*exalladíssima*)

Que tu precisavas, sei eu! Tira-te da minha vista, eu não quero tornar a ver-te, ouviste?

CUSTODIA (*com malícia*)

Emquanto vou arranjar as malas, a senhora ha de reconsiderar!... (*sae*)

ERMELINDA (*cahindo num sophá*)

Que desgraçada que eu sou!... (*leva as mãos ao peito e desfallece*)

SCENA XVII

ERMELINDA e ANGELO

(*Angelo entra na occasião em que Ermelinda vae a desfallecer e, sem dizer uma palavra, mette a mão ao bolso, tira um frasco, que lhe chega ao nariz, e depois ella volve a si, lentamente, emquanto o panno desce devagar*)

Acto terceiro

Uma sala em casa de Guilherme, com duas portas e uma janella de peito, deitando para a rua. Essas portas são: uma, á esquerda alta, meio oculta por um reposteiro; outra, ao fundo. A' direita alta, um biombo, terminando perto da janella, junto da qual se vê um sofá e poltronas. A' esquerda, uma secretária e por detrás estante com livros. Nas paredes jornaes e revistas illustradas, alguns retratos, havendo um de senhora de idade e dois de homem; bibelots, telas, uma das quaes representa uma paizagem. E' dia.

SCENA I

HELENA e CUSTODIA

HELENA (*entrando pela esquerda seguida de Custodia*)

Não me torne a falar em semelhante assumpto! (*examina a porta da esquerda experimentando uma chave*)

CUSTODIA

Não quer ter juizo! (*transição*) Que está fazendo?

HELENA (*com intenção*)

Uma experiencia...

CUSTODIA

Não estamos bem aqui!... Se Guilherme aparece...
(*transição*) Ainda estou admirada da dona da casa a deixar entrar lá por dentro.

HELENA

E' uma pobre mulher que me conhece por me ter visto com elle. Contei-lhe uma historia...

CUSTODIA

Que fazem os ciúmes! E p'ra quê? Ter amor a um homem que não faz caso de si!...

HELENA (*agastando-se*)

Outra vez!...

CUSTODIA

Valha-me Nossa Senhora! Pela minha saude, acredite que só quero o seu bem. Assim eu tivésse certa a salvação. Digo-lhe isto como se falasse a uma filha, que foi coisa para que Deus me não deu geito!...

HELENA (*no mesmo tom*)

Já lhe disse que não preciso de conselhos...

CUSTODIA

Mas eu não me cansarei de lhe-dizer que anda mal. Póde ralar á vontade! Vão-se-lhe acabando as lições tão depressa...—consta que está com um homem!...

HELENA

Ora, em havendo saude!...

CUSTODIA

E depois?... Ainda se Guilherme lhe dêsse alguma coisa... (*com intenção*) Mas elle, coitado, não pode...

HELENA

Eu trabalharei...

CUSTODIA

Isso é bom de dizer! (*transição*) A menina póde querer bem a Guilherme, é natural; mas sempre é homem que a deixa por outra...

HELENA

Não acredito.

CUSTODIA

Então, porque anda tão ciumenta?

HELENA

Quero saber a verdade! Se Guilherme me enganasse!...

CUSTODIA

Que fazia?

HELENA (*com energia*)

Isso é comigo! Mas elle não tem precisão de me enganar...

CUSTODIA

Os homens, como Guilherme, tem muitas precisões... É uma vez que não acredita, espreite...

HELENA (*com exaltação*)

Quê? Sabe alguma coisa?

(*Ouve-se bater á porta*)

CUSTODIA

Espreite... nada mais lhe digo. (*Batem outra vez*) O melhor é irmo-nos embora, que pôde ser elle...

HELENA

Guilherme traz sempre a chave consigo. (*correndo á porta*) Sempre quero ver quem é. (*abre a porta*)

SCENA II

AS MESMAS E ALEXANDRE

ALEXANDRE (*entrando, para Helena*)

Que feliz acaso?

HELENA (*com aspereza, a Alexandre*)

Provocado!...

ALEXANDRE (*sorrindo a Helena*)

Mas eu não sou parteiro...

HELENA (*com intenção e fitando Custodia*)

Tinha ali uma bella ajudante...

CUSTODIA (*com subtileza, a Helena*)

Acredite, menina, que eu...

HELENA (*com ironia, a Custodia*)

Bem sei ..

ALEXANDRE (*a Helena*)

Não culpe a Custodia. Eu vinha saber de Guilherme, que constava estar doente—o que não impede ter muita satisfação de a encontrar.

HELENA (*com aspereza, a Alexandre*)

Gábo-lhe a paciencia...

ALEXANDRE (*sorrindo, a Helena*)

Tenho-a de todos os generos—até a de Job... (*transição*) porque seria capaz de me arruinar por sua causa!

HELENA (*a Custodia*)

Vem d'ahi ou fica?

ALEXANDRE (*a Helena*)

A minha presença incommoda-a a ponto de recear...

HELENA (*dirigindo-se para a esquerda alta*)

Sou pouco medrosa. (*sáe*)

SCENA III

AS MESMAS MENOS HELENA

ALEXANDRE

Então?

CUSTODIA

E' melhor não a contrariar por enquanto. Guilherme e ella andam arrufados. Vamos a ver...

ALEXANDRE (*pensando*)

Talvez...

CUSTODIA (*esfregando as mãos*)

Deixe o caso por minha conta. Farei que ella o expie, e depois...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Não me fio só nisso. Preciso afastar Guilherme do meu caminho. (*como se falasse consigo*) E salvarei a ambos.

CUSTODIA

Não é má idéa... Mas os ciumes de Helena hão de servir de muito... E' só ella ver com os proprios olhos! (*respondoendo a Helena, que chama de dentro*) Lá vou, menina! (*para Alexandre*) Agora, se me dá licença, Helena pediu-me para a acompanhar e Guilherme escusa de me ver...

SCENA IV

ALEXANDRE e JOSE; depois HELENA

JOSÉ (*entreabrindo a porta com um cabaz no braço*)

Dá licença, senhor Guilherme?

ALEXANDRE

Ah! és tu!

JOSÉ

Cuidei que era...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Não está.

JOSÉ (*mostrando o cabaz*)

Mas a senhora mandou-me com este cabaz... e disse-me que o senhor Guilherme estava doente...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Deixa-o ficar e podes ir-te embora. Dize á senhora que elle sahiu hoje pela primeira vez.

JOSÉ

V. ex.^a não precisa mais nada?

ALEXANDRE

Olha lá! Já tens vindo aqui? (*Helena espreita por detrás do reposteiro*)

JOSÉ

Não, senhor. (*sai*)

SCENA V

ALEXANDRE e ANGELO

(*Alexandre, ficando só, examina meticulosamente o cabaz, dentro do qual encontra um bilhete lacrado e occulto entre flôres e doces, mas, sentindo passos guarda-o, á pressa, e faz de entretido com os retratos da parede*)

ANGELO (*entrando*)

Guilherme?

ALEXANDRE (*perturbanda-se*)

Sahiu...

ANGELO

Não era coisa de cuidado?

ALEXANDRE

Não sei...

ANGELO

Nesta casa não ha pessoa a quem se pergunte...

SCENA VI

AS MESMAS e HELENA

HELENA (*saindo da esquerda*)Ah! o doutor! *(olha com desconfiança e curiosidade para Alexandre)*ANGELO (*a Helena*)

Como está esse doente?

HELENA (*a Angelo, continuando a olhar para Alexandre*)

Está melhor...

ANGELO (*a Helena*)

Eu e minha mulher estavamos inquietos; sobretudo ella, que é muito facil de se impressionar, já estava a vêr na doença de Guilherme um caso tetrico. Mas eu sei que elle é robusto.

ALEXANDRE (*atallhando*)Quando Guilherme viér, digam-lhe que eu voltarei. (*sae*)

SCENA VII

AS MESMAS, menos ALEXANDRE

ANGELO

Já acabou a tarefa?

HELENA

Está quasi concluida.

ANGELO

Bom. Sabe de que me lembrei? De lhe montar um collegio! Guilherme poderá ajudal-a. Que lhe parece?

HELENA (*com efusão*)

E' uma idéa que muito lhe agradeço, mas elle...

ANGELO

Guilherme ha de concordar comigo. Esteja descansada.

HELENA (*enleada*)

Não é isso...

ANGELO

Então?...

HELENA (*com tristeza*)

Elle anda muito aborrecido e contrariado; não me dá uma palavra e prohihe que o procure. Agora, durante a doença, não me recebeu!...

ANGELO

Já comprehendí que se zangam muito!...

HELENA (*no mesmo tom*)

Mas, desta vez...

ANGELO (*sorrindo*)

Guilherme é seu amigo.

HELENA

E parece o contrário... (*transição*) Eu desconfio de que ha outra mulher entre nós...

ANGELO (*depois de uma pausa*)

Se essas coisas succedem, é porque ambos não sabem comprehender-se. Quando duas creaturas se entendem por afinidades espirituaes, precisam combinar todas as idéas de modo que se estabeleça a harmonia entre o sentimento e a exteriorização!...

HELENA

Tenho feito tudo quanto era possível...

ANGELO (*continuando*)

Bem vê que se um não contemporiza com o outro—dá-se o adultério. Eis o caso: não se fundiram ainda bem, vivem em permanentes arrufos, pouco justificaveis desde que se juntaram livremente, à vontade, como deveria ser!

HELENA

Não tenho culpa dos desvarios de Guilherme!

ANGELO (*sorrindo*)

Sci lá qual dos dois...

HELENA (*atalhando*)

Não ha duvida alguma... é elle!

ANGELO

Guilherme tem uma vida aspera e difficil e a lucta, para se manter, torna-o azedo e insofrido. O mal vem, é claro, da guerra por elle aberta contra as exigencias da vida que não soube vencer. Espirito moderno, vê, deante dos olhos, vividos, pela theoria, os prazeres da civilização, mas como os não póde fruir,—soffre do mal de viver!

HELENA

Mas sendo Guilherme intelligente...

ANGELO (*atalhando*)

A intelligencia não subentende bondade! Individuos ha, claramente intelligentes, mas incapazes de sopear os instinctos bestiaes. Guilherme, como, em geral, todos os artistas, é um complicado e, talvez, um doente. E' preciso desculpa-lo; sobretudo, não ter ciumes exagerados,—que os exageros são coisas insignificantes.

HELENA

Se eu gosto delle!...

ANGELO

Bem sei...

HELENA

Creia, doutor, que, ás vezes, chego a revoltar-me comigo propria por não conseguir vencer este sentimento, que elle não merece. (*soluçando*)

ANGELO (*procurando serenar Helena*)

Então, que é isso? Não chore. E' necessario que façam as pazes... (*ouvem-se passos na escada*)

HELENA (*correndo para a esquerda*)

Sinto passos. Deve ser Guilherme. Não lhe diga que me encontrou aqui. (*sae*)

SCENA VIII

ANGELO E GUILHERME

GUILHERME (*entrando*)

Tu por cá? Quem te abriu a porta?

ANGELO (*perambulando-se*)

Uma mulherzinha... a dona da casa, creio...

GUILHERME (*um tanto desconfiado*)

Ah!...

ANGELO

Que foi isso, que tiveste?

GUILHERME

Muita febre, dores de cabeça e prostração geral...

ANGELO

Deve ter sido *grippe*; não tem maior importancia. Porque não me avisaste?

GUILHERME

Fui adiando de dia para dia na esperança de melhoras

ANGELO

Lá em casa estávamos em cuidado! Tantos dias sem appareceres, quando tu nunca faltavas! Depois, minha mulher afflicta, com receio não fosse de monta maior a tua doença. Mas fosse lá a gente saber a tua morada!

GUILHERME

Desculpa!

ANGELO

Como vão os teus negocios?

GUILHERME

Mal. Preciso entrar na politica; quando não, márco passo a escrever de graça.

ANGELO

Não faças tal. A politica é uma farça que os homens d'hoje representam peor que os antigos histriões.

GUILHERME

Que remedio senão represental-a! Eu não posso brincar com a sorte, que é femea, e, como todas as mulheres, volúvel!...

ANGELO

Mas trabalha, faze uma obra digna de ti e dos homens! Apaixona-te pela dôr e pela miseria da humanidade!...

GUILHERME

Morreria de fome! De nada vale ser honesto!

ANGELO

Vale pelo exemplo. Além disso, tu precisavas de lutar como todos os organismos!

GUILHERME

De acordo, mas...

ANGELO (*atallhando*)

Tu és só, a bem dizer, porque essa excellente rapariga não te sobrecarréga. Havemos de lhe arranjar collocação.

GUILHERME

Helena é um embaraço na minha vida! Sei, por experiência, o que são estes tentáculos! Já dizia um grande psicólogo:—«Não faças tua amante aquella que não te servir para esposa»!

ANGELO

Está errado para o teu caso.

GUILHERME

Estará, mas é certo que Helena não me convém!

ANGELO

Porquê?

GUILHERME

Por alguns motivos, sendo o principal os ciumes disparatados que lhe fazem perder a cabeça...

ANGELO

Talvez não seja tanto assim...

GUILHERME

Fazes lá idéa!...

ANGELO

Em todo o caso, ella é uma creatura digna.

GUILHERME

Se eu tivesse dinheiro; mas, assim, cada um a remar para seu lado!... O pouco que ganho, mal chega para mim; deprehende-se, que dividido por dois...

ANGELO (*atallhando*)

Não vale desanimar!

GUILHERME

Calculas lá! E' uma vida de miséria doirada que eu arrasto! E eu poderia como tantos outros!... (*transição*) Todo o homem intelligente encontra sempre uma occasião de puxar a tal campainha que mata o mandarim!...

ANGELO

Dizes isso como se não me conhecesses!

GUILHERME

Bem sei que não advogas estas idéas de matar! Mas cada um de nós véste a pelle de lobo ou cordeiro, consoante as circumstancias!

ANGELO

Mais uma razão para te inspirares na fonte de todas essas calamidades sociaes. Se sentisses contigo o soffrimento humano proveniente dos erros, das desigualdades e injustiças, terias quasi realizado uma obra util.

GUILHERME

Não senti nunca em mim forças para taes commettimentos...

ANGELO

Todos podemos contribuir com uma pedra para o grande edificio da Verdade.

GUILHERME

Os conflictos sociaes desinteressam-me; não lhes conheço utilidade immediata.

ANGELO

Mas não te sentes lesado nos teus interesses de homem livre?

GUILHERME

Pois sim, mas...

ANGELO (*atalhando*)

Ahi tens o motivo pelo qual os ideaes humanos não avançam. Fazes parte de uma grande maioria de descontentes que não se revolta, esperando amanhã passar, da posição de oprimida, á classe de opressora!

GUILHERME

Essas considerações levar-nos-hiam muito longe. Não estou em circumstancias de pensar nos outros. Para desgraça, bem basta a minha, que não é pequena. Tenho que tratar do estomago...

ANGELO (*depois de uma breve pausa*)

Não penses nisso... (*mette-lhe umas notas debaixo dos livros*) Somos amigos!

GUILHERME

Porisso mesmo te devo falar com franqueza. Quero mudar de vida; estou farto de ser rapaz e hei de vencer, embora tenha que transigir.

ANGELO

Dizes isso, porque atravessas um periodo de desalento e pessimismo que o trabalho póde curar. A tua doença é um caso social, complicado; é filha da miseria, de mil descontentamentos e contrariedades mal contidos. Desgraçadamente, muitos padecem da mesma enfermidade. Compete aos artistas tratar desses soffrimentos moraes, porque os cirurgiões não podem.

GUILHERME

Não vale a pena!

ANGELO

A queixa individual de pouco ou nada serve. Torna o teu caso geral; communica com o mundo por intermedio de uma obra. E' uma linda missão! (*batem á porta*)

GUILHERME

Parece que bateram! (*vae abrir*)

SCENA IX

AS MESMAS e ALEXANDRE

ALEXANDRE (*entrando*)

Não sou de mais?

GUILHERME (*a Alexandre*)

Apesar de um cubo acanhado, cabe sempre aqui um espirito!

ALEXANDRE (*a Guilherme*)

Nem tanto era preciso a Diogenes—que lhe bastava uma pipa! (*transição*) Vae melhor?

GUILHERME (*a Alexandre*)

Optimo, como vê!

ANGELO (*a Guilherme*)

Bem, até logo. Venho buscar-te ás seis horas para jantares comigo. Minha mulher não te dispensa.

GUILHERME (*a Angelo, que vai a retirar-se*)

E' verdade: como tem ella passado?

ANGELO (*a Guilherme*)

Na mesma. E' preciso muito cuidado. Uma comoção violenta pode leval-a. (*sac*)

SCENA X

ALEXANDRE e GUILHERME

ALEXANDRE (*sentando-se*)

Dê-me licença. Vou-me sentindo alcachinado, ao passo que o amigo parece remoçar. (*Durante este tempo Guilherme examina o cabaz; Alexandre, attentando nessa extranheza*) Ah! esquecia-me de lhe dizer que veiu o José com esse cabaz. Eu estava aqui na occasião e mandei-o embora. Cuido que não houve inconveniente.

GUILHERME (*desconfiado*)

Nenhum! (*depois de uma pausa, offerece cigarros a Alexandre*) Fuma?

ALEXANDRE (*pegando na cigarreira*)

Que cigarros são estes? Prefiro os meus, obrigado. (*entrega a cigarreira a Guilherme e offerece-lhe outra*)

GUILHERME (*examinando*)

Isto é tabaco para odaliscas!...

ALEXANDRE (*sorrindo*)

Só as tenho visto em oleographias de estanco com esta legenda:—«*Ne pique pas la gorge!*»

GUILHERME (*ironico*)

Para ver só isso escusava de andar trinta annos pelo estrangeiro!

ALEXANDRE

E onde quer chegar Guilherme com essa ironia?...

GUILHERME

Mais perto...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Ainda bem que se chega para mim.

GUILHERME

Porquê?

ALEXANDRE

Porque desejava falar de coisas que nos interessam... quero dizer, do seu interesse, principalmente.

GUILHERME (*com ar de duvida*)

Devéras?

ALEXANDRE

Sabe que me interesse bastante por Helena! Parece-me intelligente!

GUILERME (*com indiferença*)

Ah! sim!

ALEXANDRE (*com subtileza*)

E' pena que ella não tenha recebido uma educação completa. Ha quem suponha que as mulheres, em sendo bonitas, até podem dizer—*ós pois!* Não sou dessa opinião; a estupidez é uma nodoa na belleza!

GUILHERME

O *animal de cabellos compridos e idéas curtas*. . não póde ser intelligente!

ALEXANDRE (*atalhando*)

Bem sei, mas quando a mulher é bella, perdoa-se-lhe que seja perversa! O mundo, afinal, só é curioso por haver doidos e maus!

GUILHERME

Está hoje muito satanico! . . .

ALEXANDRE

Se lhe parece! E' tão monotona a virtude como a simetria! Por mim, adoro quanto é irregular e caprichoso: as vesanias e as excentricidades! Nada mais semsabor que a regularidade, o methodo, o equilibrio!

GUILHERME (*sorrindo*)

Isso é de mais!

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Repare como as grandes obras e altas proezas foram sempre cometidas por doidos, ou, como agora se costuma dizer, por degenerados!

GUILHERME

Que lindas coisas para dizer a seu sobrinho!

ALEXANDRE

Não me fale de Angelo. E' um materialista tão frio e austero como os apóstolos. Ora, os apóstolos vão, com certeza, parar ao céu. (*transição*) Aposto que Guilherme não quer ir para lá?

GUILHERME

Ora essa! Porquê?

ALEXANDRE

Porque não deve haver por lá escandalos nem adultérios...

GUILHERME (*mordendo os beiços*)

Aspiro, como todos os crentes, a uma outra vida!

ALEXANDRE

O céu! Mas o céu deve ser uma região de azul e branco, constitucional!... E' de ver a côrte dos serafins, mechendo-se numa cadencia de rithmos sem uma destoante, uma fífia! Não haverá um gesto, uma attitude que não seja severa, classica! Todos com o mesmo alheamento, em extase, de mãos no peito como automatós. Que estopada!

GUILHERME (*atalhando*)

Isso é o céu dos descrentes!...

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

No inferno, a côr local é outra: Andam de braço dado a loucura e o imprevisto. Junto dos grandes hereticos e tirannos as lindas peccadoras! Em farandólas igneas passam, deante dos olhos, os vicios atrozes e as seducções macabras. A celeuma dos gritos, a musica dos gemidos—tudo isto deve ser horriavelmente bello!

GUILHERME (*com hipocrisia*)

Cada um com as suas crenças!...

ALEXANDRE (*com vivacidade*)

Sahiu-me beato á ultima hora! Na'ca lhe falta, meu cáro!...

GUILHERME (*com azedume mal contido*)

Escusámos de questionar!...

ALEXANDRE

Nem sombra! Espero até que concorde comigo!...

GUILHERME

Ha de ser difficil!...

ALEXANDRE (*com subtileza*)

Não creio. O meu cáro amigo não é um ingenuo que se perturbe com bagatelas. Além disso é ambicioso, deseja trepar... Faz muito bem. A sociedade accita facilmente os menos escrupulosos, desde que elles tragam dinheiro!..

GUILHERME (*com ironia*)

Está falando para se ouvir?

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Falam cincoenta annos de idade! Leio com tanta facilidade nas paginas carcomidas de um livro antigo, como nos olhos de um actualista: *mon semblable ei mon frère*. Beaude-
luire tinha razão. (*transição*) Mas isto não é perorar de cadeira!... (*levanta-se e passeia*)

GUILHERME (*com ironia*)

E' de banco?... não direi dos réos...

ALEXANDRE (*depois de examinar uns retratos da paredê*)

Bonitos retratos!... Quem é esta mulher? (*lendo*) Ah! é uma viscondessa! Pela cara parecia uma sopeira!...

GUILHERME

Bem fidalga que ella è! Tem sangue azul! . .

ALEXANDRE

Sim... Sangue azul—pintado...

GUILHERME (*mostrando uma tela*)

Que lhe parece esta paizagem?

ALEXANDRE

E' interessante... mas falta aqui, na arvore, um ninho de cuco...

GUILHERME

Os cucos não fazem ninho!...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Mas põem ovos nos ninhos alheios...

GUILHERME (*indicando a tela*)

Para ser uma maravilha... só lhe falta a meu vêr...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Nesta folha um caracol com os olhinhos de fóra...

GUILHERME (*pendurando o quadro*)

Agora o meu retrato. (*mostra o retrato*) Não seja cruel!...

ALEXANDRE (*examinando*)

Vestido de bombeiro!... (*examinando outro*) E esta ve-
lha?...

GUILHERME (*querendo lembrar-se*)

Esta senhora de idade é...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Um salvado!

GUILHERME (*sorrindo*)

Não lhe mostro mais nada!

ALEXANDRE (*sentando-se*)

Falemos como bons amigos.

GUILHERME

Diga.

ALEXANDRE

Pe mitte-me uma especie de conselho?

GUILHERME (*irónico*)

Na sua idade...

ALEXANDRE

E' pouco generoso!... Mas vamos ao que importa.

GUILHERME

Sou todo ouvidos.

ALEXANDRE (*com intenção*)

Guilherme precisa de ir fazer uma longa viagem, mas não lhe aconselho a que se dirija ao Oriente, porque, além de mais dispendiosa, é insípida! Para andar em cima de um camello e ter um guia pittorescamente vestido, não precisa sahir de Paris!

GUILHERME (*atalhando*)

Mas eu ainda não disse...

ALEXANDRE

Bem sei... Isto é para prevenir a hypothese de pensar no Oriente. Em Paris encontrará tudo sem correr riscos e enjôos...

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Não posso nem devo abandonar Helena!

ALEXANDRE (*com intenção*)

Isso é comigo; fica por minha conta...

GUILHERME (*fingim lo-se contrariado*)

De modo nenhum!...

ALEXANDRE (*ironico*)

Viajar com uma mulher, na sua idade, é um disparate! Não lhe faltarão aventuras de todos os matizes!... (*transição*) Bem sei que é especialista... de mulheres casadas... mas até disso encontrará!

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Não, não posso abandonar Helena...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Mas... se ella não fica abandonada! (*transição*) Além disso, a occasião não póde ser mais opportuna!

GUILHERME (*fingindo-se admirado*)

Não sei porquê?

ALEXANDRE (*com intenção*)

Sabe perfeitamente que a sua permanencia em Lisboa, lhe poderá acarretar graves desgostos!... Aproveite o ensejo, que lhe proporcione; deixe-me o campo livre e poupe-se...

GUILHERME (*fazendo-se desentendido*)

Não comprehendo!...

ALEXANDRE (*com rudeza e malicia*)

Julgo estar falando a um homem que entende as coisas! (*transição*) Escusamos de ir mais além.

GUILHERME (*perturbando-se*)

Mas...

ALEXANDRE (*atalhando com imposição*)

Está combinado! Convém que parta antes de oito dias!

GUILHERME (*acompanhando-o á porta*)

Tamanha pressa?...

ALEXANDRE

Isto para não exigir... (*sáe*)

GUILHERME (*mordendo os beiços*)

Está bem.

ALEXANDRE (*ironico*)

Meu caro... estimei muito vel-o!... (*sáe e Guilherme deixa a porta aberta*)

SCENA XI

GUILHERME SÓ; depois ERMELINDA
E UMA VOZ

(Ao sair Alexandre, fica Guilherme pensativo de braços cruzados e voltado de costas para o fundo. Um momento depois entra Ermelinda, pé ante pé, e, chegando-se a Guilherme, passa-lhe os braços em volta do pescoço, tapando-lhe os olhos com as mãos)

GUILHERME *(voltando-se num repente)*

Ermelinda!

ERMELINDA *(rindo-se)*

Adivinhaste!...

GUILHERME *(aflicto)*

Que imprudencia! *(corre a fechar as portas do fundo e dá esquerda)* Por onde entraste?

ERMELINDA

Pela porta!

GUILHERME *(no mesmo tom)*

Mas teu tio desceu agora mesmo!...

ERMELINDA

Bem sei... Eu estive á espera, e, mal o vi assomar á porta, subi outro lança de escada...

GUILHERME

Mas tu não vês a que te expuzeste?...

ERMELINDA

Como estavas doente, de nada mais quiz saber!...

GUILHERME

Eu o que tive foi uma grande constipação.

ERMELINDA

Mas eu é que não podia adivinhar!... (*transição*) Ai, que seis dias de incríveis aborrecimentos e sobresaltos! Bailavam-me na imaginação as piores coisas! Que te esquecêras de mim, que não voltarias mais—que sei eu!...

GUILHERME

Mais devagar. Como chegaste até aqui? estou em cuidado!...

ERMELINDA

Não leste o meu bilhete?

GUILHERME

Qual bilhete?

ERMELINDA

Ora, qual ha de ser! O bilhete lacrado que occultei entre uns bolos e flores que José trouxe...

GUILHERME (*estremece mas finge-se calmo*)

Ah! sim!...

ERMELINDA

Nelle te dizia que me esperasses...

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Desculpa. Nem me lembrava. Como estive ali Alexandre e Angelo...

ERMELINDA

Mandei o José adiante para saber se era esta a morada. Depois metti-me numa carruagem, que esperou ao fim da rua, mas, quando me apeei para entrar na escada, sahi-me de cara Custodia. Quiz retroceder, e não pude. Era já tarde.

GUILHERME

Essa maldita...

ERMELINDA

Esperei no patamar perto de dez minutos, que me pareceram um seculo!... Felizmente não subiu nem desceu ninguem...

GUILHERME

Deverias ter esperado a minha resposta...

ERMELINDA

Agora já o mal está feito...

GUILHERME

Não te podes demorar. Não tardará por ahí o Angelo.
(ouve-se bater á porta)

ERMELINDA (*dando um pulo*)

Bateram? Ai, Jesus! Será elle?... Não abras... não abras! (*corre a esconder-se atrás do biombo*)

GUILHERME

Schiu! Não faças bulha. Eu vou ver. (*dirige-se á porta do fundo*) Quem é?

UMA VOZ (*de fóra*)

Faz favor.

GUILHERME (*abrindo a porta*)

Não é aqui. (*fecha a porta com mau modo*)

ERMELINDA (*deitando a cabeça de fóra do biombo*)

Quem era?

GUILHERME

Um importuno que se enganou.

ERMELINDA

Fiquei sem pinga de sangue!...

GUILHERME

Muita serenidade. As portas estão bem fechadas. Em caso de atarantação, sahirias por ali. (*aponta a porta da esquerda*) Mas não hade ser preciso!...

ERMELINDA

Não sei o que presinto!...

GUILHERME (*sorrindo*)

Socega.

ERMELINDA (*mais tranquillá*)

Pensemõs agora na nossa situação. Que havemos de fazer?

GUILHERME

E' conveniente afastarmo-nos por algum tempo!

ERMELINDA

Neste estado de exaltação, como ficar sem ti?...

GUILHERME

Mas forçoso é que Alexandre nos cuide separados!

ERMELINDA

Meu tio não me dá cuidado... Apesar de tudo, seria incapaz...

GUILHERME (*atálhando*)

Então, é de Custodia?

ERMELINDA

Ainda não é bem isso... (*com ternura*) Tu bem sabes

GUILHERME (*vivamente*)

Se te referes a Helena, és injusta! Aborrece-me como um estorvo!...

ERMELINDA (*com tristeza*)

O que essa mulher me tem feito sofrer!...

GUILHERME

Ella é-me indifferente...

ERMELINDA

Não posso exigir-te que sejas absolutamente meu!... De tal não cuidaria, se tivesse a certeza de que a tua alma era só minha! O resto...

GUILHERME

Se eu te posso jurar!...

ERMELINDA (*com ternura*)

Os homens não compreendem um certo numero de coisas que nós, mulheres, apreciámos tanto... A's vezes uns pequeninos nadas, umas insignificancias... (*põe as mãos na cabeça de Guilherme e fita-o muito*) Olha bem para mim, não desvies os olhos!...

GUILHERME

Ermelinda!

ERMELINDA

Não me deves enganar! Seria uma crueldade!...

GUILHERME

Tenho-te dado provas...

ERMELINDA

Pois sim...

GUILHERME

Tudo o mais são intrigas. Compreende-se o interesse dos outros em me indisporem contigo... Acredita que não só te amo, mas também te distingo com todos os respetos... Da verdadeira amizade nunca se deve excluir a maxima delicadeza. (*senta-se com Ermelinda de costas para o fundo*).

ERMELINDA

Como eu gosto de te ouvir falar assim! Sinto-me reanimada, pensando que, entre tantas angustias, o teu amor me serve de esteio! A mulher, que esquece os seus deveres, tem quasi sempre o castigo no homem a quem se entrega. E' preciso que me queiras muito para me recompensares dos remorsos...

GUILHERME

Troquei metade da minha alma pelo teu coração!...

SCENA XII

AS MESMAS e HELENA

(Enquanto Ermelinda fala, Helena abre, sem fazer ruido, a porta da esquerda e entra)

ERMELINDA *(encostando a cabeça ao hombro de Guilherme)*

Fala, fala-me assim! Deixa-me beber nas tuas palavras a fé e coragem... *(dando um pulo por sentir ruido atrás de si)*.
Que é isto?

GUILHERME *(afflicto volta-se, ao mesmo tempo que Helena tira a chave da porta do fundo)*

Que atrevimento é este? Quem sou eu aqui?

HELENA *(ameaçadora)*

Um traidor!...

ERMELINDA (*no auge de afflicção*)

Esta mulher!...

HELENA (*corre sobre Ermelinda*)

Esta mulher, sim!...

GUILHERME (*separando Helena apertada-lhe, com força, os pulsos*)

Esteja socegadinha!...

HELENA (*gemendo*)

Largue-me!...

ERMELINDA (*compondo os cabellos, tenta sahir pela esquerda*)

Meu Deus!

HELENA (*soltando-se dos braços de Guilherme para Ermelinda*)

Quer sahir!... Hein! Não sahirá!...

GUILHERME (*crecendo para Helena*)

Cale-se! Olhe que eu...

HELENA (*elevando a voz*)

Não tenho medo de ameaças!... Aqui está a razão por que eu fui despedida! E eu tão parva que não desconfiei... (*com desespero*) Era rival de uma dama de alto cothurno que visita os amantes de carruagem!...

GUILHERME (*a Helena*)

Nem mais uma palavra! (*ameaçando*)

HELENA (*exaltada*)

Talvez me queira bater ainda por cima!...

ERMELINDA (*querendo abrir a porta da esquerda*)

Está fechada!...

GUILHERME (*correndo a vêr se pode abrir a porta*)

E melhor chamar a dona da casa!

HELENA (*com ar sardonico*)

E' escusado chamar! A porta não se abre, porque eu não quero!...

GUILHERME (*a Ermelinda*)

Não tem duvida, sahirás por aquella. (*aponta a porta da esquerda*)

HELENA (*ironica*)

Pois sim!...

GUILHERME (*a Helena, com intimativa*)

Venha a chave!

HELENA (*correndo para a janella e abrindo-a*)

Se tentar tirar-me a chave, gritarei por soccorro!...

ERMELINDA (*afflictiſſima*)

Estou perdida!

HELENA (*olhando a rua*)

Ah! O doutor! Não poderia vir mais a proposito!...

ERMELINDA (*a Guilherme*)

Salva-me, salva-me!...

■ GUILHERME (*a Ermelinda*)

E' preciso tomar uma resolução. Dirás que vieste ao outro andar e de caminho perguntaste por mim!

HELENA (*com energia*)

Mas eu desminto!...

GUILHERME (*a Helena em tom supplicante*)

Vê o que vaes fazer!... Olha que não é por mim. E' por todos! Evita uma scena horrivel!...

HELENA (*no mesmo tom*)

Não! (*ironica*) Já me tratas por tu! Essa dama póde córar...

GUILHERME (*no mesmo tom*)

Repara que a podes desgraçar e perder com esta comoção!

HELENA (*atalhando*)

Tambem fizéste a minha desgraça !

GUILHERME (*em tom mais supplicante*)

Queres que te peça de joelhos ?

HELENA (*com energia*)

Jura-me pela tua honra que a deixarás. . .

GUILHERME (*hesitando*)

Pela minha honra !: . .

ERMELINDA (*com as mãos em cruz*)

O' Virgem Santa !

(*Guilherme esconde Ermelinda atrás do biombo*)

HELENA (*dirige-se ao fundo e, tirando a chave do bolso, abre a porta*)

E' o doutor ?

SCENA XIII

AS MESMAS e ANGELO

ANGELO (*de fóra*)

Sou eu, faça-me o favor de abrir...

HELENA (*abrindo a porta*)

Doutor.

ANGELO (*a Helena admirado*)

De inda agora para cá como se transfigurou!... Estava á janella e não a reconheci!...

HELENA (*tentando sorrir*)

Era eu, era!...

ANGELO

Parei a falar com uma pessoa e tive tempo de me afirmar, olhando duas vezes... (*olhando Guilherme*) Mas que cara vocês teem!... Já vejo que estão amuados!... (*sorrindo*) Parecem duas creanças!... (*a Helena, com intimidade*) São graves as rasões?... Não conte, que eu sou pouco curioso!...

HELENA (*a Angelo*)

Rasões de coração!

ANGELO (*muito afavel*)

Não é coisa grave? Toca a fazer as pazes!... Não gosto de os ver assim! Vocês não respondem? .. Vá!...

HELENA (*a Angelo*)

A culpa não é minha!...

ANGELO (*a Guilherme*)

Nem tua, querem ver!... (*transição*) Cada um perdôa por seu turno! (*rindo*) Escusam de jurar que não tornam!... Vá!... (*pega na mão de Helena, trazendo-a até Guilherme, que estende a sua sorrindo forçadamente*) Agora um abraço e... o mais... que eu faço de conta que não vejo!... (*Emquanto Helena e Guilherme se abraçam friamente*) Assim eu pudésse pacificar a humanidade!

GUILHERME (*a Angelo*)

Desculpa, mas eu não posso ir jantar contigo...

ANGELO (*com vivacidade*)

Isso é que não! Minha mulher espera-te.

GUILHERME (*confuso*)

Mas...

ANGELO (*atalhando*)

Qual mas, nem meio mas... (*a Helena*) Vae por diante a idéa do collegio, hein! (*transição*) Tenha paciencia; roubo-lhe Guilherme; desculpe-me de a fazer esperar.

HELENA (*com desalento*)

E' esse o officio da mulher!...

ANGELO (*a Guilherme*)

Vamos? (*a Helena*) Adeus.

HELENA (*a Angelo*)

Doutor.

GUILHERME (*supplicando baixo a Helena*)

Deixa-a sair em paz... (*sáe com Angelo*).

SCENA XIV

HELENA e ERMELINDA

HELENA (*depois de Angelo e Guilherme sahirem, fecha a porta, vae á janella, examina a rua e grita:*)

A carruagem!

(*Em seguida vae á porta da esquerda e abre-a de par em par. Ermelinda sáe então do biombo, compondo os cabellos. Helena aponta-lhe a porta com o braço estendido e ella atravessa a scena de cabeça curvada. O panno desce devagar.*)

Acto quarto

A mesma scena do 1.^o e 2. actos

SCENA I

ANGELO e ERMELINDA

ERMELINDA (*contrariada*)

Ainda não comprehendi onde queres chegar...

ANGELO

E' fabuloso o que tu consumes em trapos bonitos!... E, francamente, não percebo aquellas contas... Além disso, não temos dinheiro para tamanhos dispendios.

ERMELINDA (*avespinhando-se*)

Talvez não chegue ao que tu gastas com os doentes pobres!...

ANGELO

Cuidas mal empregado o pouquissimo que eu faço em favor dos desgraçados! Qual é o capricho que te ficou por satisfazer? Com os meus soccorros insignificantes, só pretendo contrabalançar as grandes sommas que desperdiças em coisas inuteis.

ERMELINDA (*agastada*)

E' uma maneira de gastar como outra qualquer!

ANGELO (*um pouco impaciente*)

Já vejo que não me queres entender...

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Sabes que mais: Razão tem o tio Alexandre em dizer que a minha vida é estúpida!...

ANGELO (*vivamente*)

E não te cansáste de lhe mostrar desagrado, quando elle chegou do estrangeiro!...

ERMELINDA (*com subtiliza*)

E' que me parecia exigente...

ANGELO

Para que dizes isso? As suas manias de luxo estão de acordo contigo. Eu é que não precisava de ver esse estendal de objectos extravagantes.

ERMELINDA (*agastada*)

Pudéra! Só pensas nos doentes—e os preferes, porque eu fico sempre em ultimo logar!

ANGELO (*ironico*)

E's muito infeliz por esse motivo...

ERMELINDA (*ironica*)

Não, (*transição*) devo considerar-me ditosa porque és o medico dos pobres!

ANGELO (*impaciente*)

Que mais queres?

ERMELINDA (*levantando-se aborrecida*)

Aquillo que tu. . não me podes dar...

SCENA II

AS MESMAS e JOSÉ

JOSÉ (*entrando com uma carta na mão, para Ermelinda*)

O portador espera a resposta.

ERMELINDA (*iendo, para José*)

Lá mandarei. (*José sáe*) E' da modista de chapéos. (*entrega a carta a Angelo*)

SCENA III

AS MESMAS, menos JOSE

ANGELO (*lendo*)

Está bem. (*passeia pela scena*)

ERMELINDA (*depois de uma pausa*)

Sabes ?

ANGELO (*voltando-se de subito*)

Que é ?

ERMELINDA

Preciso de cem mil réis ! . . .

ANGELO (*entre contrariado e curioso*)

Para que precisas desse dinheiro ?

ERMELINDA (*com subtileza*)

Para pagar umas contas . . .

ANGELO (*admirando-se*)

Então não as paguei todas ?

ERMELINDA (*agastada*)

Bem, bem, não te incomodes ! Pedil-os-hei a meu tio . . .

ANGELO (*numa reviravolta*)

Não quero! (*arrepende-se de ter pronunciado com vigor*)
Tu fazes-me dizer coisas...

ERMELINDA (*mordendo os beiços*)

Não merece a pena fazer questão...

ANGELO (*vivamente*)

Ainda achas pouco?

ERMELINDA (*magoadá*)

Fica descansado, que nada mais te pedirei!...

ANGELO (*no mesmo tom*)

Se te parece! (*transição*) Bem. Vou buscar o dinheiro de
que precisas e bom será que tudo fique liquidado... (*são
pela direita fundo*).

SCENA IV

ERMELINDA e JOSÉ

JOSÉ (*entrando*)

Minha senhora.

ERMELINDA (*um tanto irritada*)

Que é?

JOSÉ

Está lá fóra a Custodia... Queria á viva força entrar, mas eu não deixei sem saber...

ERMELINDA *(atalhando)*

Deverias ter-lhe dito que eu não estava...

JOSÉ

Mas, minha senhora...

ERMELINDA *(atalhando)*

Fica sabendo que eu não estou para ninguém. Vae-lhe dizer isto. *(são pela esquerda baixa e José dirige-se para o fundo, encontrando Custodia já entre portas)*

SCENA V

JOSÉ e CUSTODIA

JOSÉ

Quem a mandou entrar? *(embarga a passagem de Custodia)*

CUSTODIA *(com ar sardonico)*

Eu conheço os cantos da casa!

JOSÉ *(empurrando Custodia)*

A senhora não está...

CUSTODIA (*no mesmo tom*)

Vi-a com estes... (*aponta os olhos*) A mim ninguém me engana!...

JOSÉ (*com violencia*)

Sua atrevida!

CUSTODIA (*formalisando-se*)

Atrevida... é como quem diz!...

JOSÉ (*continuando a empurrar Custodia*)

Vá-se embora; vá-se embora, que é melhor.

CUSTODIA (*tentando desembaraçar-se de José*)

Credo! Você parece um policia aos safanões a um preso!...

JOSÉ (*com violencia*)

Sáia d'aqui!

CUSTODIA (*esbracejando*)

Largue-me.

JOSÉ

Ja lh'o disse.

CUSTODIA (*desenvencilhando-se de José*)

Pois não me vou sem primeiro falar á senhora...

JOSÉ (*indignando-se*)

Você tem a pouca vergonha de falar assim?...

CUSTODIA

Muita vergonha é que eu tenho!... Ora essa! (*transição*)
Quer apostar em como a senhora vem já .. E' só eu que-
rer!...

SCEEA VI

AS MESMAS e ERMELINDA

ERMELINDA (*entrando pela esquerda baixa*)

Que é isto aqui?

CUSTODIA (*a Ermelinda maliciosamente*)

O José por pouco não me batia...

JOSÉ (*a Ermelinda*)

Ella mente...

ERMELINDA (*a Custodia*)

Bonita maneira de entrar em minha casa!...

CUSTODIA (*a Ermelinda, com subtileza*)

A senhora não deixaria de receber a sua velha servi-
dora...

ERMELINDA (*a Custodia com aspereza*)

Estás enganada. Não podias ter vindo em peor ocasião.
Não tenho cabeça para aturar seja quem fôr...

CUSTODIA (*a Ermelinda, no mesmo tom*)

Paciencia...

ERMELINDA (*sentando-se irritada, para Custodia*)

Dize lá o que queres, mas despacha-te...

CUSTODIA (*olhando para José e para Ermelinda*)

Era uma palavrinha em particular...

ERMELINDA (*faz um signal de cabeça a José para que se retire*)

Não me venhas affligir.

(*José sae*)

SCENA VII

AS MESMAS menos JOSÉ

CUSTODIA (*com malicia*)

A senhora bem sabe quanto lhe sou reconhecida...

ERMELINDA (*com ironia e enfado*)

Sei... sei!...

CUSTODIA *(no mesmo tom)*

Eu vim em má hora!... E' sorte minha!

ERMELINDA *(no mesmo tom)*

Deixa-te de palavriado...

CUSTODIA *(no mesmo tom)*

Não sabe a gente como se ha de explicar... A vida vae tão difficil... E, depois, eu não tenho sido feliz com os meus hospedes!...

ERMELINDA *(irritada)*

Que tenho eu com isso?

CUSTODIA *(no mesmo tom)*

Eu não contava importunar, mas... como a sua generosidade para comigo...

ERMELINDA *(atalhando)*

Resolvi deixar de o ser...

CUSTODIA

Não faz idéa, minha senhora... As despesas são tantas..

ERMELINDA *(no mesmo tom)*

Arranja-te lá como pudéres...

CUSTODIA

Transtornos sobre transtornos...

ERMELINDA (*levantando-se*)

Nada. Isto é uma exploração da tua parte...

CUSTODIA (*mordendo os beiços*)

Não diga tal, minha senhora.. Então eu, ..

ERMELINDA (*atalhando*)

Já te disse...

CUSTODIA (*com hipocrisia*)

Só eu sei quanto me custa!...

ERMELINDA (*atalhando*)

E mais eu!... (*transição*) Mas isto vae acabar, porque, se continuasse, seria eu tola!...

CUSTODIA (*atalhando*)

Deus me livre de...

ERMELINDA (*atalhando*)

Sei muito bem quem tu és... Enganas-te, porém, comigo. É muda de sisthema, senão vejo-me forçada a fazer-te calar de vez...

CUSTODIA (*com malícia*)

Tão calada que eu tenho sido!...

ERMELINDA (*indignando-se*)

E' preciso pôr cobro ás tuas exigencias...

CUSTODIA (*atalhando*)

Não se exalte, minha senhora... E' escusado enveredarmos por esse caminho...

ERMELINDA (*mais exaltada*)

Cuidáste uma coisa e ella é outra... (*indo para Custodia de punhos cerrados*) Não te dou mais dinheiro, não!...

CUSTODIA (*em voz baixa mas intencional*)

A senhora comprometteu-se a pagar a mobilia da minha casa... Era de presumir que eu viesse pelos cem mil réis promettidos para esse fim...

ERMELINDA (*desesperada*)

Nem um real, ouviste? Nem um real! Vae-te, desaparece da minha vista!...

CUSTODIA (*contendo o azedume*)

Pense bem, minha senhora... Não havemos de ficar de mal...

ERMELINDA (*com violencia*)

Não me faças perder a cabeça...

SCENA VIII

AS MESMAS e ANGELO

ANGELO (*entrando ouve as ultimas palavras*)

Que altercação é esta? (*tenta serenar Ermelinda*) Para que te consomes tu? Não te deves exaltar!...

CUSTODIA (*maliciosamente a Angelo*)

A senhora está hoje muito indisposta... E logo eu vim importunal-a com as minhas lástimas...

ANGELO (*a Custodia*)

Que é que tu querias?

CUSTODIA (*a Angelo com intenção*)

Ah! senhor doutor! Era por causa de uma licença... Não ganha uma pessoa para pagar contribuições... Estou ralada sem saber que voltas hei de dar á minha vida!...

ANGELO (*a Custodia*)

Mas deverias lembrar-te do estado da senhora...

CUSTODIA (*a Angelo no mesmo tom*)

Eu não cuidava...

ANGELO (*atalhando Custódia*)

Quanto è a licença?

CUSTODIA (*a Angelo*)

Doze mil réis!...

ANGELO (*tirando da carteira dinheiro, que dá a Custódia*)

Toma lá. (*conta umas notas em cima da meza*)

CUSTODIA (*olha com cubiça para o dinheiro que Angelo está contando*)

Senhor doutor!

ANGELO (*erguendo a cabeça para Custódia*)

Que é?

CUSTODIA (*com hipocrisia*)

Eu não disse toda a verdade... (*Ermelinda olha para Custódia com espanto*)

ANGELO (*atalhando Custódia*)

Qual verdade!...

CUSTODIA

A minha aflição é tamanha que nem cheguei a explicar tudo... (*com intenção*) Não era só a licença...

ANGELO (*sorrindo*)

Percebo, queres mais dinheiro!...

CUSTODIA (*a Angelo*)

Tenho feito tantas despesas...

ANGELO (*atalhando*)

Aqui tens mais... (*dá uma nota a Custódia*)

CUSTODIA

Muito obrigada, senhor doutor! Cem annos que eu visse não me esqueceria de tanto que lhe devo... (*a Ermelinda, com intenção*) Não precisa de mim, minha senhora?...

ERMELINDA (*a Custódia, sahindo*)

Não; se precisar, eu te mandarei chamar (*sáem Custódia pelo fundo e Ermelinda pela esquerda baixa*).

SCENA IX

ANGELO e ALEXANDRE

ALEXANDRE (*entrando pela direita baixa*)

Já viste as modificações que introduzi no meu quarto?

ANGELO

Os moveis são bonitos ; mas abundam nas paredes instrumentos de morte...

ALEXANDRE

Algumas daquellas armas são indispensaveis a um viajante ; outras conservo-as por espirito de colleccionador...

ANGELO

Mas porque tem essas armas carregadas que são sempre perigosas ?

ALEXANDRE

E' um velho habito... (*transição*) Hontem dei um lindo revolver, de senhora, a Ermelinda e Guilherme começou a namorar uma pistola que é uma perfeição. E' das melhores que tenho visto. Pode cahir no chão, quando carregada, que não se dispára... Durmo sempre com duas eguaes á cabeceira.

ANGELO

E' verdade: Que idéa é esta de Guilherme partir amanhã ?

ALEXANDRE (*ironico*)

Não sei...

ANGELO

Dá-me cuidado isso por causa de Helena...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Uma mulher bonita! Ora...

ANGELO (*atalhando*)

Helena é honesta! ..

ALEXANDRE

E' o peor defeito que ella póde ter!...

ANGELO

Ahi está o tio com as suas...

ALEXANDRE (*com vivacidade*)

Não, hei de ser, como tu, que applicas as tuas idéas de trabalho e canseiras a um corpo bello! Quem poderá imaginar uns braços estatuas cheios de suor! A belleza é um culto da arte. Não se comprehendem mãos patricias que trabalhem e se encham de callos... A Venus de Milo não tem braços, mas, se os tivera seria para nos enroscar!

ANGELO (*sorrindo*)

Agora estou eu como o tio: Isso é theoria! (*transição*)
Helena precisa de ganhar a sua vida!

ALEXANDRE (*com intenção*)

Para ella é melhor que Guilherme desapareça. Deixa-o ir; algum interesse o leva...

ANGELO

O interesse por um bom amigo nunca é demasiado.

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Conforme...

ANGELO

Guilherme só tem um defeito.

ALEXANDRE (*sorrindo*)

Um só? é pouco!

ANGELO

Sim, a infelicidade! Bem se vê que não gosta delle.

ALEXANDRE

A mim poucos me agradam. Considero mal a especie... Quanto a Guilherme, acho-o tão insignificante como incapaz de ser ministro—a ultima coisa a que se agarra um mediocre!..

ANGELO

Com o tio ninguem se póde entender!..

ALEXANDRE

Por estar em desacordo? Não vale a pena discutirmos esse homem. E' em these que falo.

ANGELO

O tio não pôde comprehender as necessidades dos outros, visto que é rico...

ALEXANDRE

Talvez... mas para mim nem o crime é hediondo, nem a virtude bella. São duas idéas que accito como termo de comparação. Ha crimes perversos com um tic encantador e virtudes simplesmente nojentas ou hypocritas. Entre uma e outra, apenas, o processo... pôde ser interessante.

ANGELO

Palavras!

ALEXANDRE (*continuaudo no mesmo tom*)

Todos os actos de moral se resumem nisso: Este ou aquelle facto é desculpavel, porque se reveste de originalidade: tal acção é ignobil, porque o auctor foi rapace e grosseiro. (*transição*) Ora, Guilherme é um criminoso porco!

ANGELO (*melindrando-se*)

O tio chega a taes exageros!

ALEXANDRE (*atalhando*)

Não peças explicações...

ANGELO (*vivamente*)

Mas se me salsuja um amigo!... Repare que não apresenta um argumento concludente...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Tu, afinal, tens um grande fundo de ingenuidade e bonhomia como todos os sábios! Queres um exemplo? Repara no que se passa ao redor: Tua mulher aborrece-se no meio destas paredes, porque é nova e bonita e precisa de distrações que não lhe podes dar...

ANGELO

Ermelinda é muito doente. Se tivesse outra vida mais buliçosa e plena de commoções fortes, não resistiria. Aquella angina é uma ameaça permanente...

ALEXANDRE

Mas eu não digo uma vida agitada! (*transição*) Leva-a a viajar para se distrahir, conforme já te tenho pedido.

ANGELO

Não tenho fortuna para tanto. Isso é bom para o tio!...

ALEXANDRE

É tão exquisito és, que te zangaste com um presente de mobilia que lhe dei.

ANGELO

Não havia precisão de insuflar no animo della appetites de luxo exotico...

ALEXANDRE

Essas insignificancias não a prejudicam. Era uma prenda de annos. E, como ella gosta disso, não te dês por scandalizado. Não te entretens com a clinica dos pobres? Deixa-a divertir-se e receber convidados—que são outra especie de pobres... de espirito!

SCENA X

AS MESMAS e ERMELINDA

ERMELINDA (*entrando, para Alexandre*)

Logo deve vir por ahí uma dama que tem muito interesse em conhecer o tio. E' muito intelligente, instruida e viajada!...

ALEXANDRE (*a Ermelinda*)

Parece-me muita coisa para uma só mulher!

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Acredite...

ALEXANDRE (*a Ermelinda*)

Não tem mais predicados essa dama?

ERMELINDA (*a Alexandre*)

E' interessante...

ALEXANDRE (*com ironia*)

E' uma qualidade que póde tambem ser um pessimo estado!...

ERMELINDA (*sorrindo, a Alexandre*)

O tio verá!...

ALEXANDRE (*a Ermelinda*)

Eu verei, mas posso enganar-me—o que aliás é sempre facil quando se trata da mulher!... (*Reparando em Angelo*) Olha aqui para este medico d'aldeia! Anda, ralha com elle. (*transição*) E essa senhora é nova?

ERMELINDA (*sorrindo a Alexandre*)

Ainda qué fosse edosa... o tio não gosta de objectos antigos?...

ALEXANDRE (*com intenção, a Ermelinda*)

As mulheres não são propriamente objectos de luxo... Além disso, a antiguidade só fica bem ás coisas. insensíveis... (*transição*) Tu o que não-queres é dizer a idade dessa dama...

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Não sei...

ALEXANDRE (*sorrindo*)

Tens razão: A idade não se pergunta a uma mulher ainda que ella nos mostre os dentes...

ERMELINDA (*sorrindo, a Alexandre*)

Para lhe satisfazer a curiosidade, dir-lhe-hei que ella ainda póde dansar comsigo...

ALEXANDRE (*sorrindo, a Ermelinda*)

Não me mettas em fofas...

ERMELINDA (*a Alexandre*)

Pelo menos com ella, o tio poderá tomar parte numa quadrilha...

ALEXANDRE (*vivamente, a Ermelinda*)

Isso é que não... (*com ironia*) Deves ter por cá algum politico... que me substitua...

ERMELINDA (*sorrindo, a Alexandre*)

O tio é terrivel!...

ALEXANDRE (*a Ermelinda*)

Faze que teu marido vá envergar outra sobrecasaca.

ANGELO (*a Alexandre*)

Julguei ter mais prestimo que para mestre-sala (*sáe*)

ALEXANDRE (*a Angelo, que se retira*)

E' preciso saber de tudo!

SCENA XI

AS MESMAS, menos ANGELO

ERMELINDA (*depois de Angelo sair*)

Elle anda aborrecido! Desde que o tio adquiriu a nova mobilia, parece envergonhado!...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Só por isso?!...

ERMELINDA (*vivamente*)

Então, porque havia de ser?

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Não lhe modificarias a existencia para sempre?...

ERMELINDA

Eu?...

ALEXANDRE (*continuando no mesmo tom*)

Convenho em que teu marido não se sinta bem no meio deste bulicio; e eu andei mal, provocando-lhe uma transição brusca. Mas vou remediar tudo. Farei uma viagem pelo norte, que não conheço, e vocês ficarão socegados e livres do intruso...

ERMELINDA

De modo nenhum. A sua presença é para nós uma necessidade...

ALEXANDRE (*com ar de duvida*)

Hum!

ERMELINDA (*sorrindo*)

Não o sabia desconfiado!

ALEXANDRE

Dize antes previdente...

ERMELINDA

Não percebo...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Vaes perceber: Apesar de não ser abelhudo e de não querer intrometter-me na vida de vocês, não me posso esquecer de que Angelo é uma excellente creatura, e tu uma rapariga mais inexperiente que culpada...

ERMELINDA (*perturbando-se*)

Tio!

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Como és incompativel com elle, aconselho-te um partido não direi recto, mas acomodaticio... para evitar, um conflicto horrivel entre ambos.

ERMELINDA

Mas...

ALEXANDRE (*atalhando*)

Escusas de te defender, fazendo-te desentendida...
A bon entendeur salut... (*transição*) Verdade seja que eu não
estou muito á vontade neste papel de conselheiro... falta-
me a direcção geral... Todavia, sem interferir nos negocios
do teu coração, devo falar...

ERMELINDA (*afflicta*)

Que vae dizer-me?...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Nada, porque sei tudo! (*transição*) Dirás comigo:
«Porque assistiu a estes factos indifferente, e só agora in-
terveiu»? Eu não sou um indifferente, sou um estra-
gado—o que faz sua differença... Sei que o mundo está
cheio de situações analogas á tua. Onde houver quatro in-
dividuos—duas tragedias similares... Ninguém poderá evi-
tai-os. São os baixos-relevos da existencia hipocrita dos nos-
sos dias...

ERMELINDA (*afflicta*)

Pelo amor de Deus!...

ALEXANDRE (*continuando*)

Se eu fosse um puritano, e na minha qualidade de pa-
rente proximo, dar-me-hia, nesta conjunctura, o ar de juiz
grave e austero. Aconselharia um em detrimento do outro,

quando não julgasse por mim. Era uma imprudencia, em vez de um acto de justica. Seja, porém, como fôr, não me con-vinha cruzar os braços, por mais tempo, deante desta em-bruhada...

ERMELINDA (*no mesmo tom*)

Que vae fazer?

ALEXANDRE

E' difficil a resposta. Apenas, por egoismo (deixa-me confessar isto francamente) vou desviar do centro da acção o protagonista, exigindo-lhe que se afaste. O resto deves tu comprehendel-o, completando o que eu iniciei...

ERMELINDA (*sobresaltando-se*)

Como?

ALEXANDRE

Deixa-o partir—que assim é necessario. Não prejudi-ques, com sentimentalismos da ultima hora, o que está feito. Sei, tambem, que está nas mãos de uma megera que te faz exigencias custosas... Tapar-lhe-hei a bocca não só por ti, mas por Angelo que é, afinal, a verdadeira victima. (*tirando da algibeira um bilhete lacrado que mostra a Ermelinda*) Toma cautella com estes documentos; são sempre perigosos. Nem sequer o abri. Demais sabia eu o contheudo... Comprehen-des que, assim como eu o obtive em casa de Guilherme, tambem Angelo o poderia alcançar... (*vendo ao fundo Gui-lherme*) Ah! vem Guilherme. Preciso de ficar só com elle... (*Ermelinda sae pela direita fundo*)

SCENA XII

ALEXANDRE e GUILHERME

GUILHERME (*entrando pela esquerda fundo*)

Mandou-me chamar?

ALEXANDRE (*tirando do bolso um envelope*)

Aqui tem para as primeiras despesas. Em Paris receberá o resto. A pistola que lhe prometti, logo a darei ao José, ou a si, se ainda não se vae embora.

GUILHERME

Não são já. (*transição*) Uma pequena coisa...

ALEXANDRE

Diga.

GUILHERME

Desejaria demorar-me uns tres ou quatro dias...

ALEXANDRE (*com intenção*)

Faça o que entender, mas affigura-se-me tolice ficar uma hora que seja! A sua presença nesta casa, além de insultuosa — é imprudente! Enquanto andar por aqui está sob custodia...

GUILHERME (*mordendo os beiços*)

Bem...

ALEXANDRE (*no mesmo tom*)

Parta quanto antes. . Entre nós nada adeanta. O seu sisthema de vida, as suas opiniões, comquanto devessem, talvez, estar consagrados pela tolerancia, são prematuros. Não importámos ainda toda a dissolução dos costumes. .

GUILHERME (*com despeito*)

Mas eu não sou tão máu. .

ALEXANDRE (*atalhando*)

O senhor não póde ser filosofo neste paiz, sem alguns contos de renda. Como affrontar os outros, de sorriso nos labios, sem dinheiro na algibeira?... Sem dinheiro, todo o filosofo é immundo e cheira mal. Atrás d'elle, a multidão é capaz de gritar como a um cão damnado: «Lavem-n'ó! Lavem-n'ó, que vae porco»!

GUILHERME

E' o que se chama o dinheiro a falar!...

ALEXANDRE (*continuando no mesmo tom*)

Lá fóra terá occasião de modificar as suas opiniões, por mais definitivas que lhe pareçam neste momento... Quando se encontrar nos *boulevards* de Paris, ou nas monstruosas arterias de Londres, comprehenderá melhor os nossos semelhantes.

GUILHERME

Porquê?

ALEXANDRE (*continuando no mesmo tom*)

Assim, junta, a humanidade parece um formigueiro. Se algum pobre diabo,— vítima do extraordinario movimento— cahir asfixiado e sem forças, o formigueiro continuará a sua marcha, torcendo, apenas, o caminho em volta do moribundo!... (*transição*) Ora, o senhor, apesar de agonisante, ainda encontrou um medico que lhe acudiu... Vá-se restabelecer! (*Guilherme sãe pela direita fundo e Alexandre pela direita baixa*)

SCENA XIII

HELENA e CLARISSE

HELENA (*entrando pela esquerda, abraçada a Clarisse*)

Foram avisar o padrinho?

CLARISSE

Sim, minha senhora. Como eu estou contente de a ver!
Tinha tantas saudades suas!

HELENA (*acariciando Clarisse*)

Não se esqueceu de mim?

CLARISSE

Estou sempre a falar de si ao padrinho ; mas uma vez a madrinha ralhou-me porisso, e eu comecei a chorar...

SCENA XIV

AS MESMAS e ANGELO

ANGELO (*entrando, para Helena*)

Quer falar comigo ?

HELENA (*a Angelo*)

Tenha paciencia, doutor ! Venho incommodal-o ?

ANGELO (*a Helena*)

Mas o que tem que dizer-me é comprido ?

HELENA (*a Angelo*)

Prende-se com a viagem de Guilherme.

ANGELO (*a Clarisse*)

Anda, despede-te e vae lá para dentro.

CLARISSE (*beijando Helena*)

Adeus, minha senhora (*sáe*).

ANGELO (*depois de passar um momento*)

O melhor é esperar aqui um pouco. Para lhe falar francamente, tenho lá no consultório uns doentes para attender. Falaremos depois com mais vagar... Eu não me demoro. (*são pela esquerda fundo*).

SCENA XV

HELENA SÓ, depois GUILHERME e ERMELINDA

Helena, espreitando para o interior, avista Guilherme e Ermelinda e corre a esconder-se atrás do reposteiro da direita alta

ERMELINDA (*entrando com Guilherme*)

Pela ultima vez me quero despedir de ti! A tua viagem enche-me de desconsolação. Veremos se eu consigo que elle me leve uns mezes ao estrangeiro e, nesse caso, combinaremos o encontro... Ah! se isto pudésse realizar-se!...

GUILHERME

Tens alguma esperança?...

ERMELINDA

E' possivel... Angelo está meio resolvido. Era' questão de meu tio insistir...

GUILHERME

Alexandre, talvez não se metta nisso...

ERMELINDA

Deixa o caso por minha conta. Estou convencida de que tudo ha de correr pelo melhor. Assim eu tivesse tranquillidade na minha alma...

GUILHERME

Eu é que não posso esquecer-me de que tens sido para mim uma sincera amiga. E'-me grato reconhecer os sacrificios que tens feito.

ERMELINDA

Guilherme!

GUILHERME

Todas as idéas da hora inquieta da partida se resumem num demorado abraço. Sinto um mundo de coisas a querer assomar-me aos labios, e só encontro esta expressão:—quero-te muito!

ERMELINDA

Como eu te agradeço! O meu estado de espirito é terrivel... Depois do que se passou, nem eu sei como tenho resistido! Agora, com a tua sahida de Lisboa, parece que se me esváe o resto de vida que tinha!... Quero ter coragem e não posso! Antes eu morresse!...

GUILHERME

Por Deus!

ERMELINDA

Presinto... (*transição*) Ai tu não comprehendes quanto eu vou soffrer!

GUILHERME

Socega! Então!...

ERMELINDA

Como ter animo aqui sósinha, cheia de pavores! (*fazendo um esforço sobre si*) Desculpa as minhos pieguices...

GUILHERME

Os homens são, em geral, injustos para com as mulheres que tudo lhes sacrificam.

ERMELINDA

Que noite passei e que dia tem sido o de hoje! E' um verdadeiro inferno em que vivo! (*com desalento*) Quem me dera morrer!

GUILHERME

A tua infelicidade, fundindo-se na minha, havia de conduzir-nos a um conflicto, que eu tenho obrigação de evitar! Eis a razão por que vou deixar a patria e mais que a patria — a vida!

ERMELINDA (*resignando-se*)

Quem sabe se no teu regresso... (*transição*) Mas não! Isto não mudará! Antes eu morresse!

GUILHERME

Lembra-te de que estás doente

ERMELINDA (*vivamente*)

É de que me serve a vida!

GUILHERME

Tranquillisa-te, peço-te. Como hei de partir, deixando-te, assim, sobressaltada? Careces de tanto socego!...

ERMELINDA

Não posso tel-o!... (*transição*) Mas eu não estou em mim. Desculpa. Tens que te ir embora... Meu Deus (*encontra-se para a esquerda baixa*) Entra aqui no meu toucador. Sahirás depois pelo consultorio. Quero dar-te um anel. (*sáem Guilherme e Ermelinda pela esquerda baixa*).

HELENA (*sahindo do esconderijo, corre á esquerda baixa de punhos cerrados contra a porta que se fecha*)

Infames!

SCENA XVI

HELENA e ANGELO

ANGELO (*entrando repara em que Helena está transtornada*)

Que tem?

HELENA (*soluçando*)

Sou muito desgraçada!...

ANGELO (*entre curioso e admirado*)

Porquê, não me dirá?

HELENA (*hesitando*)Por causa de uma infamia! (*olha de revés para esquerda baixa*) Não póde fazer idéa!...ANGELO (*sorrindo*)

Decerto, sem me dizer... Mas deve ser a fantasia alvoroçada...

HELENA

Por quem é, doutor! Não ria...

ANGELO (*atalhando risonho*)

Já sei, já sei que é nervosa e ciumenta... O seu espirito, muito susceptível, facilmente cria fantasmas, onde não ha sequer uma sombra!...

HELENA (*contrariada*)

Não me diga isso...

ANGELO (*com bonhomia*)

Uma mulher ciumenta é capaz de todas as loucuras... Porisso, o melhor é serenar. Nunca da violencia ou da colera sairá um raciocinio justo.

HELENA (*com vivacidade*)

Ainda que a gente oiça e veja!...

ANGELO (*no mesmo tom*)

Vêr o quê? Coisas no ar...

HELENA (*reprimindo-se*)

Oxalá assim fosse! (*transição*) Somos ambos bem ludibriados!...

ANGELO (*no mesmo tom*)

Em quê? Está com ares misteriosos...

HELENA (*impaciente*)

Olhe, doutor: O que se passa é indigno de mim e de si!...

ANGELO (*sorrindo*)

Começo a perceber que essa cabecinha...

HELENA (*atalhando vivamente*)

Não regula!... Isso já eu esperava! Então qual é o motivo da viagem de Guilherme?

ANGELO (*despreoccupado*)

Adquirir machinas para uma nova empresa de publicações.

HELENA (*desesperada*)

E' mentira, é mentira! E' para se ver livre de mim e poder continuar a sua obra de... (*contendo-se, olha para Angelo com receio e respeito*)

ANGELO (*sorrindo*)

Eh! o que ahi vae! Desse modo nunca chegaremos á rasão!...

HELENA (*no mesmo tom*)

Mais rasão do que eu tenho. (*soluçando*) Guilherme está sempre a envenenar-me o coração e a pôr-me diante dos olhos a mulher que elle mais deveria respeitar...

ANGELO (*atalhando*)

Qual mulher? Que espectro é esse?

HELENA (*mais exaltada*)

E' um fantasma de carne e osso, que não repara nos re-
posteiros de sua casa...

ANGELO (*um pouco preocupado*)

Que é isso?

HELENA (*no mesmo tom*)

Ouvi o que não quizera ter ouvido!... Assim o doutor
escutasse para não dizer que sou exaltada e posso exage-
rar...

ANGELO

Que diz? (*pensa um momento e depois em tom sacudido*)
Pensou bem no que acabou de me dizer?...

HELENA (*com energia*)

Pensei... (*transição*) Já não podia mais!... (*dá um grande suspiro*)

ANGELO (*dá a perceber que se trantorna num momento, mas, subito, tem um sorriso de duvida*)

Póde lá ser! Helena não tem o juiso todo!... (*pausa e depois com energia*) Não, não, quero que se explique! (*pega no braço de Helena com energia*) Vamos, diga...

HELENA (*fóra de si*)

Mas que tenho eu que dizer ?

ANGELO (*com violencia*)

Que se passou aqui ?

HELENA (*já arrependida do que disse, mostra-se muito afflicta*)

Mas não se passou nada, doutor ! . . .

ANGELO (*em tom ironico e terrivel*)

Agora é já tarde para negar ! . . . (*fóra de si*) Vamos. Exijo-lhe que me diga quem estava aqui . . .

HELENA (*tremendo de afflicção*)

Ninguem ! . . .

ANGELO (*contrariando-se*)

Mau ! Não me faça perder a cabeça ! . . . Quem estava aqui ?

HELENA (*no mesmo tom*)

Era Guilherme !

ANGELO (*exaltado*)

Quem mais?

HELENA (*no mesmo tom*)

Mais eu!...

ANGELO (*em tom horrível, mas fazendo por mostrar-se sereno*)

E' o que vamos ver já... (*relança os olhos pela scena*) Pelo consultorio ninguem poderia ter sahido; tenho aqui a chave. (*dirige-se para a esquerda baixa*).

HELENA (*correndo a embargar a passagem de Angelo*)

Pelo amor de Deus, doutor! Pelo amor de Deus! (*põe-se deante de Angelo de braços abertos, em attitude supplicante. Entra Alexandre pela direita de pistola na mão e corre para Angelo, tentando segural-o*)

SCENA XVII

AS MESMAS e ERMELINDA, GUILHERME,
ALEXANDRE

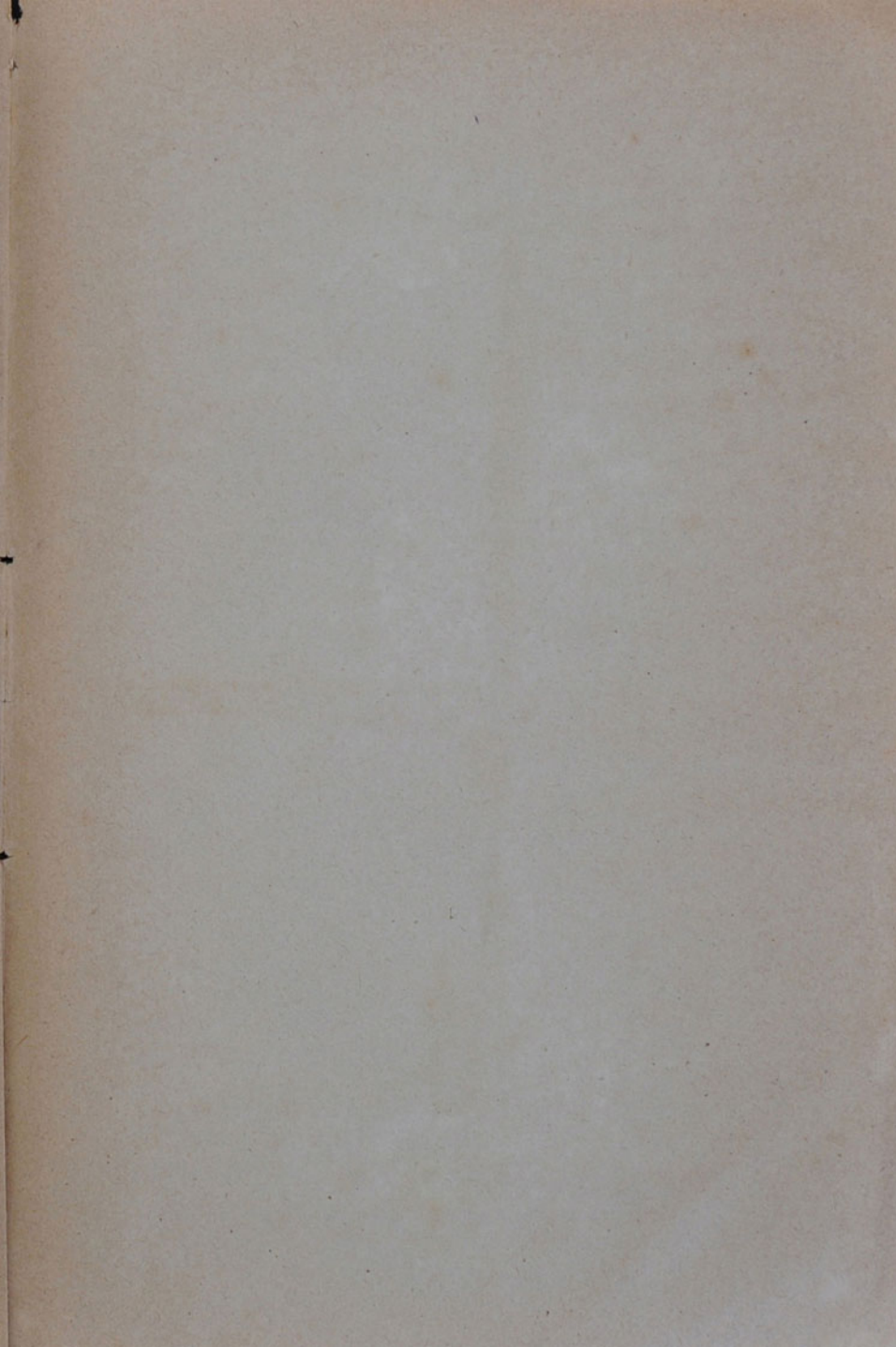
(*Ermelinda abrindo a porta da esquerda baixa e seguida de Guilherme vê que Angelo está de fisionomia trans-tornada, dá um grito assustada e fica immovel, deante delle, de braços abertos, como que para se offerecer á sua colera*)

ANGELO (*desvairado e vendo a pistola na mão de Alexandre arranca-lh'a, num impeto. Em seguida vae para apontal-a ao peito de Ermelinda, mas é Helena que está na sua frente, pelo que a mão lhe vacilla. Depois, movido pela repugnancia, atira com a arma que vae cahir aos pés de Ermelinda*)

Femea! (*indicando Ermelinda e para Alexandre: Meu tio: Essa mulher não me pertence! Leva-a d'aqui! (Ermelinda, tem nova suffocação e, tombando hirta, morre. Angelo correndo de um pulo sobre Ermelinda, palpa-a, ausculta-a e verifica que está morta).*)

Não a poder eu salvar!

(CAE O PANNO)





5/2

